

ALTHUSSER E O SIGNIFICADO DA DIALÉTICA EM MARX

Zaira Rodrigues Vieira¹

Resumo : Este artigo busca mostrar, de forma abreviada, algumas das principais questões em jogo na obra de Althusser, no que diz respeito a sua leitura da dialética ou do problema da “inversão” em Marx e sua proposição de uma *teoria da prática teórica* à partir das indicações de método deixadas pelo filósofo alemão. Ao mesmo tempo, busca-se oferecer também uma leitura da obra madura de Marx que se distinga completamente da interpretação althusseriana na medida em que a problemática do método de Marx é entendida como sendo determinada por seu objeto de estudo, e a dialética, como algo que transcende, portanto, o método para definir a própria forma de se conceber as categorias econômicas.

Palavras-chave: Althusser. Marx. Dialética.

ABSTRACT: This article aims to show, in an abridged form, some of the major questions at stake in Althusser's work as regards his reading of dialectics or of the problem of “inversion” in Marx and his proposal of a *theory of theoretical practice* starting from the methodological indications left by the German philosopher. At the same time, this text aims to give a reading of Marx's mature work completely distinguishable from Althusser's interpretation as far as Marx's methodology is understood as brought about by his study object, and dialectics is therefore understood as something transcending method to define the form itself of conceiving economical categories.

Key words: Althusser. Marx. Dialectic.

Em *Pour Marx*, coletânea de escritos publicados em 1965, Althusser estima como não sendo fundada a tese segundo a qual Marx teria realizado uma *inversão* da dialética hegeliana. Esta tese implicaria uma conservação dos «*termos do modelo hegeliano da sociedade*», na medida em que a mudança ocorreria apenas na ordem ou na relação entre estes mesmos termos: «*Tratar-se-ia, então, de retomar-lhe [de Hegel] a dialética e de aplicá-la à vida ao invés de aplicá-la à Idéia. A 'inversão' seria uma inversão do 'sentido' da dialética. Mas essa inversão do sentido deixaria, de fato, a dialética intacta*» (Althusser, 1979 : 77). Althusser critica, na verdade, aí, a interpretação engelsiana segundo a qual Marx teria aceito, de Hegel, a dialética, liberando-a apenas de seu «*envoltório místico*» :

É bastante ler de perto o texto alemão [do Posfácio à segunda edição do *Capital*] para aí descobrir que a *ganga mística* não é de forma alguma², como se poderia crer (com fé em certos comentários posteriores de Engels), a filosofia especulativa [...], isto é, um elemento então considerado como *exterior* ao método,

¹ Doutora em Filosofia pela Université Paris Ouest Nanterre La Défense. Email: zairavieira@uol.com.br.

² A expressão “n'est pas de tout” – “não é de forma alguma” – está traduzida, na edição brasileira, como “não é de todo”; o que altera o sentido do texto althusseriano.

mas que ela se refere à própria dialética. Marx chega a dizer que “*a dialética sofre uma mistificação entre as mãos de Hegel*”, ele fala do seu “*lado mistificador*” e da sua *forma mistificada* e opõe, precisamente, a essa *forma mistificada* (mystifizierte Form) da dialética hegeliana, a figura racional (rationelle Gestalt) de sua própria dialética. É impossível dizer de forma mais clara que a *ganga mística não é outra coisa que a forma mistificada* da própria dialética, isto é, não um elemento relativamente exterior à dialética (Althusser, 1979 : 78-79).

A posição de Althusser sobre este ponto é, em princípio, partilhável na medida em que a tese de Engels implica aceitar, com efeito, que Marx pegue, na obra de Hegel, o método, renegando exclusivamente a filosofia especulativa. Esta interpretação certamente não dá conta do significado efetivo das mudanças conduzidas pelo pensamento marxiano e influenciou, apesar disto, uma parte importante das leituras clássicas de Marx, consagrando toda uma tradição de pesquisa a um desenvolvimento da «dialética marxista» entendida como método.

Althusser propõe empreender esta crítica, porém, à partir da formulação de uma nova teoria, de uma *teoria* do materialismo histórico, que permitiria explicitar o que, na obra de Marx, encontrar-se-ia apenas de forma concentrada e não desenvolvida: « *É claro que [...] a leitura de Marx tenha, portanto, por condição prévia uma teoria marxista da natureza diferencial das formações teóricas e de sua história, isto é, uma teoria da história epistemológica, que é a própria filosofia marxista* » (Althusser, 1979 : 29).

A refutação da tese da inversão apoia-se, portanto, aqui, sobre pressupostos epistemológicos³. Além disso, queremos mostrar que ela funda-se sobre uma distinção bastante rígida entre o método e o *objeto real* – ou, para Marx, o objeto do conhecimento⁴ – e, mais fundamentalmente ainda, que, na solução elaborada por Althusser, a ênfase recai sobre o primeiro, ou seja, sobre a dialética concebida como método. No problema da inversão [*renversement*], o que estaria em jogo não seria a questão do materialismo de Marx, mas a da « natureza da dialética considerada em si mesma, [...] o problema da transformação de suas estruturas » (Althusser, 1979 : 79). A interpretação da «dialética» como método ou teoria geral, presente na obra de Engels – e de vários outros pensadores marxistas – reaparece, portanto, também em Althusser. A dialética é, aqui, precisamente a « *teoria da prática teórica* » (cf. Althusser, 1979: 169. Ver também Collin, 1996 : 79) – razão pela qual, como o indica o próprio Althusser, ela não foi desenvolvida por Marx.

O que Althusser critica em Engels não é, com efeito, a separação que ele opera entre o *método* e o *sistema* hegelianos (cf. Vieira, 2012: 223-232). Uma tal separação é uma consequência

³ Como explica Labica, pode-se « *classificar* » Althusser e Della Volpe « *na corrente ‘epistemológica ou metodológica’ do marxismo (como o faz G. Vargas Lozano, Marx y su critica de la filosofia, Mexico, 1984, p. 199).* » (Labica, 1987 : 125).

⁴ Como veremos, para Althusser, o objeto do conhecimento não corresponde ao objeto real ou às «realidades» que existem fora do pensamento.

da tese da inversão, mas não é disto que se trata aqui. Althusser critica exclusivamente a *inversão*, ou seja, a interpretação segundo a qual a dialética hegeliana teria sido aplicada a um outro objeto ou a um objeto invertido. Segundo ele, a dialética de Hegel não fora retomada por Marx. Não se trata « *de aplicar [aqui] um mesmo método* » (Althusser, 1979 : 79).

A fim de explicar o método elaborado por Althusser é preciso dizer, inicialmente, que sua interpretação leva em consideração apenas o método de exposição de Marx, descrito, na *Introdução de 1857*, como a trajetória do pensamento que vai do abstrato ao concreto. Os momentos deste trajeto de sintetização ou do retorno do pensamento em direção ao concreto (que, em Marx, correspondem fundamentalmente ao *abstrato* e ao *concreto de pensamento*) são caracterizados como correspondendo às *Generalidades I*: a «*generalidade trabalhada*» (a abstração); *II*: o «*instrumento*» de trabalho (a teoria e seus conceitos) e *III*: o «*conhecimento*» ou o resultado do trabalho teórico.

Segundo Althusser, o erro cometido por Hegel – de tomar o processo de conhecimento como sendo o próprio processo de gênese do concreto (real) – teria sua origem na concepção do universal fornecida por este mesmo filósofo. Em Hegel, a essência ou o motor do desenvolvimento teórico já estaria presente no conceito inicial, no « *próprio conceito de universalidade, [n]o conceito de ser* » que aparece na *Lógica*, por exemplo. Na obra de Marx, ao contrário, a essência ou o motor do trabalho teórico não seria a abstração, mas « *a Generalidade que trabalha* », isto é, a Generalidade II ou a teoria. « *Na dialética da prática, a generalidade abstrata do início (Generalidade I), isto é, a generalidade trabalhada, não é a mesma que a generalidade que trabalha (Generalidade II)* » (Althusser, 1979 : 164). Para se tentar demonstrar a tese de uma ruptura de Marx em relação a Hegel que fosse diferente e posterior àquela da simples inversão, seria preciso realizar, portanto, a transferência do primado da abstração inicial para o « *primado da Generalidade II (que trabalha), isto é, da ‘teoria’* » (Althusser, 1979: 167).

Segundo Althusser, haveria uma implicação teórica nova que decorreria do modo de exposição de Marx : « *Só se pode ler O Capital com conhecimento de causa [...] se se sabe, antes, como Marx pensa, se se conhece a lógica que define seu objeto e governa sua demonstração. Como Marx pensa no Capital ? [...] A resposta mais simples e a mais ‘evidente’ consiste em identificar a lógica do pensamento de Marx [...] com a ‘ordem de razões do Capital’, isto é, com sua ordem de exposição* » (Althusser, 1978, p. 8). Esta ordem de exposição é, como já dissemos, o único método de Marx sobre o qual Althusser debruçar-se-á – e isto mesmo que no Posfácio do *Capital*, Marx explique que seu procedimento de pesquisa tem o primado sobre o de exposição : « “É apenas após concluído o trabalho que o movimento real pode ser exposto (*dargestellt*) de maneira adequada (*entsprechend*)”. A ordem de exposição pressupõe, portanto, a ordem de pesquisa » (Althusser, 1978,

p. 9). A recusa, por parte de Marx, em supervalorizar a importância da ordem de exposição, como já faziam à época os comentadores do livro primeiro *Capital*, aparece também quando ele diz que o procedimento de exposição não se distingue senão *formalmente* daquele da investigação (cf. Marx, 2003: 28). Althusser nega, porém, explicitamente as consequências desta explicação, pois, se, de um lado – raciocina ele –, Marx nunca explicará em que consiste seu método de pesquisa, de outro, « *a ordem de exposição do Capital impõe-se por sua própria presença* » (Althusser, 1978 : 9). Dito isto, pode-se acrescentar que uma das razões que realmente impediram a Althusser de admitir ou de melhor compreender o sentido da prioridade do procedimento de investigação, na obra de Marx, é o fato de que ele só pode entender esta prioridade e suas consequências – a prioridade e o estato ontológico do objeto de investigação de Marx – associando-a a um tipo qualquer de leitura empirista, que ele justamente critica⁵.

Segundo Althusser, a distinção entre os dois métodos, a « *Darstellungsmethode* ou *-weise* » e a « *Forschungsmethode* ou *-weise* » (Althusser, 1978 : 9), é tratada apenas na *Introdução de 1857*. Não haverá mais ocasião depois, na obra de Marx, de uma análise dos termos desta distinção, pois, Marx « *não precisa da análise destes termos, mas de sua simples posição em sua distinção. Esta distinção permite-lhe dar 'forma' a seu materialismo* » (*Ibidem*). A distinção entre os procedimentos de exposição e de pesquisa possuiria como objetivo apenas indicar a diferença entre o materialismo da produção teórica de Marx e o idealismo de Hegel. Althusser propõe-se, então, a criticar os termos desta crítica do idealismo que se fixaria apenas sobre o aspecto da especulação: « *Marx continua preso na interpretação feuerbachiana da "especulação" hegeliana, e, portanto, no limite que define o materialismo por sua "inversão", isto é, pela inversão exclusiva da "especulação"* » (Althusser, 1978 : 12).

Para se obter um processo de pensamento « científico-materialista », não seria suficiente inverter o tipo de processo de pensamento « especulativo ». É preciso tomar distância em relação à dialética de Hegel « *colocar em questão justamente este Denkprozess, ou seja, a idéia mesmo da existência de um Denkprozess único e comum* » – o que Marx não teria feito, na medida em que se teria engajado na estrada do método dialético e numa crença segundo a qual a diferença entre o seu método dialético e aquele de Hegel residiria em « *sua modalidade (materialista e não mais especulativa) [...] engajando [assim] sua posição materialista na idéia existente do método* » (*Ibidem*). Por este raciocínio, Althusser chega até mesmo a refutar

⁵ Em razão da perspectiva epistemológica na qual se inscreve seu pensamento, Althusser vê, aliás, a leitura lukacsiana da obra de Marx como constituindo, ela também, uma leitura « empirista»: « *O trabalho de Althusser começa com uma crítica disto, isto é, da interpretação humanista de Marx. Ele argumenta que ela apoia-se sobre uma epistemologia empirista segundo a qual o sentido de um texto é imediatamente acessível* ». (Callinicos, 1976: 31, tradução nossa).

Esta idéia de *método*, que vem do fundo das eras filosóficas e que responde talvez [...] à questão daqueles que querem conhecer de antemão o caminho que vão tomar para poderem, nele, se engajar; daqueles que querem, como o diz Hegel, saber de antemão nadar para aprender a nadar; daqueles que querem assegurar-se de antemão da verdade que vão descobrir, quando partem a sua procura; esta idéia de método, rejeitada (contra Descartes) por Spinoza e (contra Kant) por Hegel, esta idéia de método está ligada demais à garantia imaginária, mas impressionante, que oferece toda boa “*teoria do conhecimento*”, para que não a olhemos duas vezes (Althusser, 1978 : 15).

Antes de prosseguir, devemos nos questionar, porém, se não é precisamente sobre a recusa de todo método que antecipe o trajeto do conhecimento que se funda a posição de Marx, na medida em que o primado recai, aqui, sobre o processo de pesquisa, que nunca contou com um *método* dado por antecipação, mas que se define, ao contrário, de acordo com o que lhe indica o desenvolvimento de seu objeto, e na medida em que a *Darstellungsweise* do *Capital* apresenta unicamente diferenças formais com relação ao procedimento de investigação. A recusa de todo método genérico é confirmada pelo próprio fato de que uma questão de método nunca tenha feito parte das preocupações centrais de Marx. Por outro lado, deve-se questionar, também, se esta recusa de todo método dado por antecipação corresponda realmente à posição althusseriana.

Apesar de suas críticas, Althusser toma, ele próprio, ao pé da letra a inversão metodológica realizada por Marx, na medida em que a entende como sendo simplesmente uma inversão *metodológica*; absolutizando, desta forma, seu significado enquanto método. Como ele o afirma, Marx não teria feito aí senão uma escolha metodológica, tendo em vista mostrar o caráter materialista de sua obra. Ora, se é razoável considerar que Marx não tinha mais nenhuma necessidade de mostrar o aspecto materialista de sua obra e se sua crítica da especulação hegeliana estava, àquela altura, realizada⁶, o argumento decisivo, porém, aqui, é que as razões pelas quais ele toma emprestado de Hegel seu método, ou alguns aspectos deste, não estão relacionadas exclusivamente a uma escolha metodológica, mas a determinações concretas de seu objeto de pesquisa: a inversão – real – das categorias produzida pela sociedade burguesa moderna⁷. Bem mais que numa questão de método ou que numa demonstração metodológica do materialismo de sua proposição, a contribuição da *Lógica* de Hegel aparece no sentido de uma compreensão efetiva, por Marx, da ordem real das categorias no modo de produção capitalista. Em outros termos ainda, a inversão das categorias na exposição científica não tem lugar exclusivamente no âmbito do método, mas constitui uma inversão real da ordem das categorias.

⁶ « Critiquei a dialética hegeliana, no que ela tem de mistificação, há quase 30 anos, quando estava em plena moda. » (Marx, 2003 : 28). O extrato que acabamos de citar foi extraído do Posfácio à 2ª edição alemã do *Capital*. Vale ressaltar que este Posfácio aparece erroneamente, na tradução de Reginaldo Sant’Anna, como *Préfacio da 2ª edição*.

⁷ Como revela a continuação da passagem do Posfácio que acabamos de indicar, não se trata mais de criticar – no *Capital* – a especulação hegeliana, mas de mostrar o caráter « racional » da dialética, de apreender « de acordo com seu caráter transitório, as formas em que se configura o devir. » (Marx, 2003: 29).

Voltemos, porém, ao pensamento de Althusser. Em *Ler o Capital*, o filósofo critica também o fato de que *O Capital* tenha sido entendido, « *na interpretação marxista vulgar* », como diferenciando-se da obra dos economistas clássicos exclusivamente em razão de seu método. Na economia política, este último apresentaria um caráter metafísico, enquanto que, em Marx, ele apareceria com a forma de um método dialético. Malgrado todas estas críticas de Althusser, o tema do método e das condições do conhecimento continua sendo um tema importante, que muito interessa e ocupa sua vida intelectual⁸. Tal problemática constitui o objeto principal de sua leitura da obra de Marx. Em *Ler o Capital*, trata-se justamente de desenvolver, à partir da obra de Marx, um método *geral* ou uma teoria geral que corresponda a « *uma teoria das condições do processo do conhecimento* » (Althusser, 1980, 23).

O desafio que enfrenta Althusser é o de desvendar a filosofia que serviria de fundamento à obra de maturidade de Marx. Trata-se de mostrar o que se esconde sob a obra *econômica* em questão, a filosofia que se encontra na base de seu processo de conhecimento. Por trás desta concepção, há, portanto, antes de tudo, uma clara distinção entre *ciência* e *filosofia*. O «objeto» propriamente *filosófico* de Marx não corresponderia simplesmente ao conteúdo de sua obra. O «objeto» do *Capital* não seria exatamente o que Marx anuncia, « *os conceitos aos quais Marx relaciona expressamente sua descoberta, e que sustentam todas as suas análises econômicas, os conceitos de valor e de mais-valia* » (Althusser, 1980 : 16).

O objeto *filosófico* do *Capital* é o que permite reconhecer a distinção desta obra com relação à da economia clássica. Para Althusser, trata-se das indicações de Marx que permitem compreender a diferença entre seu procedimento científico e aquele da economia política. As encontramos no texto da *Introdução de 1857*, nas *Teorias da mais-valia*, bem como no *Posfácio à segunda edição do Capital* – razão pela qual o objeto da filosofia marxista é, aqui, coisa completamente diversa do «objeto científico» do *Capital*. O primeiro só pode ser entendido à partir das «*reflexões metodológicas de Marx*» (Althusser, 1980: 8) e do que se pode desenvolver a respeito de um processo *geral* do conhecimento. Dito de outra forma, « *o objeto da filosofia marxista* » é «*uma teoria das condições do processo do conhecimento*», que se teria tornado possível, principalmente, pelo terceiro capítulo da *Introdução de 1857*, e a filosofia marxista é a « *teoria da história da produção de conhecimentos* » (Althusser, 1980 : 27).

Neste sentido, *O Capital* é uma obra científica que concerne à economia e cujo caráter filosófico encontra-se escondido e escondido face à obra ela mesma e seu discurso. E na medida em que o *objeto filosófico* do *Capital* não corresponde exatamente ao objeto de pesquisa de Marx e

⁸ « *Se, para caracterizar este método, devêssemos ir para além da definição do Marxismo em termos de método, entraríamos no campo global da discussão de Althusser que se focaliza precisamente sobre o problema do método* ». (Callinicos, 1976: 8).

àquilo do qual ele nos «fala» aqui, Althusser transfere a perspectiva da análise do que diz respeito à « ‘apropriação’ da ‘matéria’ » para a problemática do método. Em outras palavras, por meio de uma leitura «sintomática [*symptomale*]», que destacaria o que se esconde por detrás do texto, Althusser propõe-se a revelar a *filosofia* que se encontra na obra de Marx e ressaltar o que ele entende como sendo o verdadeiro objeto da filosofia marxista: as condições do conhecimento. Assim fazendo, ele termina por colocar – como queremos mostrar – em segundo plano a própria obra e seu objeto.

A ruptura epistemológica realizada por Marx é procurada, portanto, exclusivamente na *Darstellungsweise* do *Capital* e a filosofia da obra de maturidade de Marx corresponde, no fundo, à própria dialética. Em outros termos, se Althusser nega a existência de um método dialético na obra de Marx, é paradoxal que ele termine por se concentrar exclusivamente sobre o método de exposição, ou seja, precisamente sobre o que há do método de Hegel no *Capital*⁹, e que ele termine por fazer disto uma questão exclusiva de método. O que Althusser tomará por base de sua teoria são pontos importantes que, como o que concerne ao começo ou à abstração inicial, estão presentes na *Lógica* de Hegel¹⁰. E o que é mais importante é que, assim fazendo, ele recai sobre uma concepção da dialética enquanto método geral ou teoria geral do conhecimento.

A abstração na teoria geral do conhecimento

Althusser propõe uma leitura da teoria da abstração de Marx que aparece completamente submetida a uma questão de método e à teoria geral do conhecimento elaborada por ele. Sua formulação relativa a este problema tem, como ponto de partida, uma crítica da leitura empirista da abstração. Encontramos esta crítica em *Ler o Capital*, mas também em outros momentos de seu pensamento, como aquele em que se insere a passagem seguinte:

A abstração teórica, no *Capital*, não tem nada de uma extração de um tipo qualquer de generalidade quanto a objetos singulares. Refletindo uma abstração objetiva, ela se constitui como seu pensamento por exclusão. Se Marx pensa na abstração cujo processo é um processo de ‘concretização’, isso significa que ele pensa por abstração: cada posição de um conceito e, portanto, cada abertura do campo teórico ‘interior’ é, ao mesmo tempo, exclusão do ‘exterior’, ou seja, fechamento do campo (Althusser, 1978 : 19)¹¹.

⁹ « Em Hegel, o termo dialética é empregado apenas para designar as modalidades da exposição científica do saber [...]. O que foi chamado de dialética no marxismo remete, certo, à definição hegeliana da exposição científica como totalização de determinações de pensamento contraditórias, como transformação do universal abstrato em universal concreto, como determinação progressiva e fundação regressiva do saber. Estas características do ‘método’ estão certamente relacionadas à idéia de dialética em Hegel. » (Renault, 2009 : 48-49).

¹⁰ Cf. Hegel, 1994 : Introductions, Concept préliminaire et La théorie de l’être.

¹¹ Embora, para Lukács também, o processo de abstração de Marx não esteja, de forma alguma, relacionado a *objetos singulares*, a interpretação de Althusser opõe-se, de todo modo, àquela de *Para uma Ontologia do ser social*, na medida

Como deixa entender o início deste extrato e outros momentos da obra de Althusser, a crítica da leitura empirista da abstração remete, por um lado, à posição de Della Volpe¹². Por outro lado, ela não se opõe, contudo, apenas à possibilidade de uma interpretação empirista do método de Marx, mas também a toda possibilidade de reflexão sobre uma abstração real, como buscamos mostrar abaixo. Segundo Althusser, se se pode indicar « *a abstração teórica* [...] [como] *refletindo uma abstração objetiva* » (Althusser, 1978: 19), não se pode, porém, concebê-la como *abstração real* ou como podendo « *refletir* *categorias abstratas* reais » (Althusser, 1980: 26)¹³.

A abstração inicial

A questão fundamental da teoria proposta por Althusser situa-se na problemática da abstração. Segundo seus próprios termos, trata-se de encontrar, no « *silêncio* » do texto da *Introdução de 1857*, uma resposta à « *questão da natureza diferencial das abstrações sobre as quais trabalha o pensamento científico para produzir, ao cabo do seu processo de trabalho, abstrações novas* » (Althusser, 1980: 27). Althusser quer entender, na verdade, o que se pode extrair de uma definição mais geral, que aquela deixada por Marx, a respeito das abstrações e, mais precisamente, sobre a questão de saber de *quais* abstrações o pensamento científico deve partir. Tudo isto, malgrado seu emprego parcimonioso do adjetivo *geral* e o fato de que os termos de sua proposição sejam indicados como constituindo « *estruturas típicas, historicamente determinadas* » (Althusser, 1980: 28).

Assim, ao invés das categorias abstratas da crítica da economia política que « *poderão, então, refletir* *categorias abstratas* reais » (Althusser, 1980: 26), ao invés destas abstrações determinantes « *controladas* » pelos fatos reais e por sua representação e transformação em conceitos – como procedimentos que fariam refletir o sujeito real –, trata-se de « *uma abstração constantemente ‘dosada’, controlada, correlativa da posição de conceitos definidos* » (Althusser, 1978 : 20). Vejamos, portanto, o que significa esta *posição de conceitos* [*position de concepts*] na teoria das abstrações de Marx:

Tal como são defendidas, em seu campo ele mesmo limitado, estas teses parecem-me fortes, pois, elas excluem toda aparência de uma auto-produção do

em que, aqui, « *a abstração* [...] *jamais é parcial, ou seja, jamais é isolada, por abstração, uma parte, um ‘elemento’, mas é todo o setor* [ou domínio, como o traduz a edição francesa] *da economia que se apresenta numa projeção abstrata.* » (Lukács, 2012 : 310). [« *Die Abstraktion ist einerseits niemals eine partielle, d. h. niemals wird ein Teil, ein »Element« abstrahierend isoliert, sondern das gesamte Gebiet der Ökonomie erscheint in einer abstrahierenden Projektion* ». (Lukács, 1986, vol. 13: 585)].

¹² Em *Ler o Capital*, Althusser caracteriza a teoria da « *abstração histórica* » como sendo « *uma forma superior de empirismo historicista* » (Althusser, 1980 : 58).

¹³ Na edição brasileira, o tradutor omite, neste ponto, o adjetivo “abstratas” (Cf. Althusser, 1996 : 269).

conceito (e, ainda mais, do real pelo conceito) ao modo hegeliano, e elas obrigam a pensar, num momento específico da exposição, a posição, a intervenção dos conceitos-chave em torno dos quais se organizam a constituição e a exploração do campo conceitual em suas múltiplas combinações : o conceito de valor (“fundamento primeiro”), o conceito de capital e o conceito de produção capitalista, que comandam todo o desenvolvimento do *Capital*. Ora, quem diz *posição* dos conceitos, impede de pensar sua aparição na ‘ordem das razões’ como *auto-produção* dos conceitos : a continuidade aparente da ordem de exposição oculta discontinuidades teóricas, escandidas pela posição de conceitos-chaves. [Ao invés de *dedução* (do conceito de capital, por exemplo, à partir daquele de mercadoria), trata-se] [...] de uma posição de conceito que abre um novo espaço. Mas, ao mesmo tempo em que abre, esta posição o fecha (Althusser, 1978 : 20).

Destacaremos, sobre este ponto, dois aspectos que nos parecem centrais. Primeiramente, na formulação do problema analisado, Althusser opera claramente um deslocamento da ênfase rumo à teoria e à coerência *interna* desta com seus conceitos. O *controle* ou a *coerência* teórica não são *dosados*, portanto, com relação ao que indicam o sujeito real ou os fatos reais, mas com relação à função criadora e ao papel da própria teoria. Tudo isto num sentido contrário do que Marx sublinha, em suas indicações de método, já que a ênfase é colocada, aqui, – como o indica o próprio Althusser – sobre o *sujeito real*¹⁴ e sobre a fidelidade que lhe deve a teoria. Em segundo lugar, começamos a entender também a razão pela qual a *abstração inicial* é fundamental no interior desta concepção, na medida em que é ela que circunscreve o campo das possibilidades do desenvolvimento teórico.

Althusser reconhece, aliás, o que ele chama de uma *tentação próxima*, qual seja, a de ver, no que ele acaba de propor, «*variações arbitrárias*». Marx não se entregaria a estas últimas, «*nem à apreensão da totalidade fenomenal, de forma aleatória. Claramente, sua exposição é guiada, nos bastidores, pelas grandes realidades descobertas pelo silencioso ‘método de pesquisa’ invocado*» (Althusser, 1978: 20). Estas «*realidades*» constituiriam os «*limites observados, em princípio, pela tese materialista da ‘reprodução’ do real na abstração* » (*Ibidem*). Na «*posição dos conceitos* » marxiana, não se trata de realidades arbitrárias porque a «*tese materialista da ‘reprodução’ do real na abstração*» trabalha, «*em princípio* », dentro destes «*limites* » do real. O caráter formal desta reserva é, entretanto, claro na medida em que os limites mencionados não são integrados na teoria geral do conhecimento e que a exposição de Marx é dirigida, apenas *nos bastidores*, pelas descobertas encetadas em sua pesquisa. Além disso, se as derivações do conceito *posto* não são arbitrárias – já que elas «*estão em função dos conceitos que abrem e fecham o campo*» (Althusser,

¹⁴ É preciso observar que Marx não se refere à forma social que «*continua a existir em sua autonomia fora da cabeça* » (Marx, 2011: 55) ou ao objeto que ele procura conhecer como *objeto real* (como o faz Althusser, cf. Althusser, 1979b : 44). Ele o designa por meio da noção de «*sujeito real* » [*das reale Subjekt*] » ou de «*sujeito* » [*das Subjekt*] (Marx, 2011: 55) ou, ainda, como «*um todo vivente, concreto, já dado* » (*ibidem*) ou «*o real e [o] concreto [...], pressuposto efetivo*» (Marx, 2011 : 54. Cf. também Marx, 1977 : 242). Por esta razão, empregamos em geral, neste contexto, a noção de *sujeito real*, ao invés da de *objeto real*.

1978: 23) – estes últimos, isto é, as abstrações iniciais o são. Segundo Althusser, a circunstância « *imposta a Marx, de abrir o campo teórico de sua ordem de exposição com o conceito de valor* » (*Ibidem*), deve ser caracterizada como constituindo precisamente uma « *contingência* ».

Ora, a exposição do *Capital* não é dirigida *nos bastidores*, mas é *intrinsecamente* dirigida pelas descobertas de Marx e não se pode, de forma alguma, cindir esta forma de exposição de seu conteúdo e das *realidades* de que trata Marx. A abstração – ou o que corresponderia, aqui, à *abstração inicial* de que fala Althusser: o valor – não é dada por uma escolha ontologicamente arbitrária entre *conceitos* que se equivalem. À partir de uma imersão na problemática da pesquisa de Marx e na ordem de aparição de suas descobertas principais no plano da crítica da economia política, mostramos, em outra ocasião (cf. Vieira, 2012), que a *abstração inicial* e as relações nas quais aparecem cada uma das abstrações de Marx, no *Capital*, não decorrem de uma escolha teórica *tout court*, mas são definidas pelas descobertas que surgem no plano da investigação – uma das mais importantes, dentre elas, sendo a do *trabalho abstrato*, indispensável para conciliar, no interior da produção, a contradição entre a troca e a produção propriamente dita – e pela necessidade de lançar luz sobre estas descobertas e de as opor ao quadro científico herdado da economia política.

O que move e interessa Althusser não são, porém, as descobertas advindas do processo de investigação de Marx ou o que ele chama de « *a intimidade desta zona decisiva do ‘método de pesquisa’, este trabalho de ‘apropriação’ da ‘matéria’* » (Althusser, 1978: 9). Ele atribui o primado a uma ordem teórica entendida como « *posta* » e como resultado de uma « *escolha* ». Por este raciocínio, suprime-se, portanto, o caráter real das abstrações e de suas relações, para conferi-lo apenas aos « *campos teóricos* ». Pois, se se pode escolher entre diferentes « *campos teóricos* », isso significa que eles se equivalem, que possuem, todos, um mesmo estatuto de validade – raciocínio, este, que evidentemente não se verifica na obra de Marx e no que ela autoriza como possibilidade de interpretação.

Esta *substantivação* da teoria ou do discurso teórico foi, aliás, objeto de várias críticas dirigidas a Althusser:

Ora, a universalidade do valor e do trabalho abstrato, por exemplo, não é apenas teórica, científica, mas também real e concreta. Resulta de um sistema de relações sociais que a põe e repõe. Negando toda dimensão ontológica aos conceitos teóricos, Althusser cai em uma substantivação do discurso científico característica do positivismo » (Löwy, 1999 : 315).

A abstração como objeto do conhecimento e a relação fenômeno/essência

Na leitura proposta por Althusser, o problema da relação fenômeno/essência, presente nos últimos escritos de Marx, aparece sob a forma da « *interioridade* » ou do « *pertencimento* » dos

conceitos a um campo teórico definido e delimitado pela abstração inicial: « *A interioridade não designa a essência oposta às aparências, mas o pertencimento das determinações à interioridade de um conceito ou de um campo teórico* » (Althusser, 1978 : 18). O que Marx explica, nas *Teorias da mais-valia*, como constituindo uma relação contraditória « *entre o movimento aparente e o movimento real [der scheinbaren und wirklichen Bewegung]* » (Marx, 1983: 598; 1976: 185; MEW 26.2:163), entre « *as formas aparentes do processo* » e o « *fundamento sobre que repousam os nexos internos, a fisiologia verdadeira da sociedade burguesa [der Grundlage [...] auf der innere Zusammenhang, die wirkliche Physiologie der bürgerlichen Gesellschaft beruht]* » (Ibidem), aparece, na obra de Althusser, como uma relação entre *totalidades lógicas* diferentes: « *Esta definição da interioridade [como] [...] “a conexão interna e necessária entre duas coisas...”*, acarreta, então, uma definição correlativa da exterioridade : *não a aparência fenomenal, cuja lei seria a essência interior, mas uma “outra totalidade lógica”, que não se recorta com a primeira* » (Althusser, 1978: 18).

Por trás desta explicação, há o fato de que o filósofo francês não aceita que os fenômenos façam parte do objeto do conhecimento. Os fenômenos são associados, por ele, à realidade empírica, aos « *elementos do real* » que Marx teria excluído do domínio da ciência ou, ainda, aos conceitos ou dados próprios às formações ideológicas que precedem « *o reino de uma lógica nova* » (Althusser, 1979b: 46). Pois, a ciência consiste precisamente na « *redução do fenômeno à essência (do dado a seu conceito)* » (Althusser, 1980: 21) e na *sistematicidade* estabelecida, depois, unicamente entre as *essências* (os « *conceitos teóricos* »)¹⁵ :

[Não é] só a forma de sistematicidade o que constitui a ciência, mas a forma de sistematicidade só das ‘essências’ (conceitos teóricos), e não a sistematicidade dos fenômenos brutos (elementos do *real*) relacionados entre si, ou então a sistematicidade mista das ‘essências’ e dos fenômenos brutos. Seja como for, é mérito de Ricardo o ter pensado e superado essa contradição entre as duas ‘doutrinas’ de Smith, e o ter concebido verdadeiramente a Economia Política sob a forma da cientificidade, isto é, como o sistema unificado dos conceitos que enuncia a essência interna de seu objeto (Althusser, 1980 : 20-21).

Neste sentido, pode-se dizer que Althusser não rejeita, na verdade, que o objeto do conhecimento corresponda à « *essência* » ou aos elementos essenciais (desde que estes últimos

¹⁵ Em outros termos, Althusser identifica como sendo « *objeto do conhecimento* » apenas o que Marx chama de o « *fundamento sobre que repousam os nexos internos* » ou *o movimento real do sistema* (Marx, 1983: 598; 1976: 185) (que, como veremos, entretanto, melhor abaixo, não aparece jamais, em Marx, de forma isolada, mas sempre numa relação contraditória com o *movimento aparente*). E não apenas o « *objeto do conhecimento* » é reduzido « *à essência* », mas ele é também, aqui, um *constructio*, um produto do pensamento. O fundamental na definição do « *objeto do conhecimento* » não é o « *real* », mas o « *pensamento-do-real* » (Althusser, 1980: 24) – o que torna problemática a caracterização do pensamento de Althusser como sendo um pensamento materialista, pois, para Marx, o pensamento do real ou do objeto constitui-se à partir das relações reais efetivas que são, elas mesmas, o objeto.

sejam entendidos como sendo os próprios « *conceitos teóricos* », as abstrações tomadas em um quadro teórico específico). O que ele rejeita é que esta essência esteja inscrita no objeto real¹⁶. A distinção entre o essencial e o inessencial não consiste, como quereria o empirismo, em « *uma simples distinção de partes de um só objeto : o objeto real* » (Althusser, 1979b : 41), mas na « *diferença entre dois objetos – o objeto do conhecimento e o objeto real* » (*Ibidem*). Assim fazendo, Althusser ressalta uma *descontinuidade radical* entre o fenômeno e a essência, já que, para ele, trata-se de lógicas diferentes e não há continuidade no desenvolvimento da ciência:

A história real do desenvolvimento do conhecimento nos aparece, hoje, submetida a leis completamente diferentes dessa esperança teleológica do triunfo religioso da razão. Começamos a conceber essa história como assinalada por descontinuidades radicais [...], por remanejamentos profundos, que, se respeitam a continuidade da existência das regiões do conhecimento (e ainda nem sempre é o caso), inauguram em sua ruptura o reino de uma lógica nova, que, longe de ser o simples desenvolvimento, a ‘verdade’ ou a ‘inversão’ da antiga, *toma literalmente o seu lugar* (Althusser, 1979b : 46).

Na obra de Marx, a distinção entre *fenômeno* e *essência* jamais se apresenta, porém, como uma relação de simples exclusão recíproca. Antes de mais nada, porque os fenômenos e a essência que os unifica, ou a abstração geral que os explica, fazem parte da realidade existente. Como o explica José Arthur Giannotti : « *A essência faz parte de cada momento do concreto, sem esgotar, porém, todas as suas dimensões* » (Giannotti, 1971 : 14). No método de Marx, com efeito, o *real* não corresponde simplesmente à *empíria* ou aos fenômenos. Ele é definido como sendo o *concreto*. Trata-se do *todo* ou do conjunto constituído pelos fenômenos e suas essências e que, num primeiro momento, mostra-se, à representação, sob sua forma fenomenal. A essência ou o *fundamento* está, portanto, sempre lá, neste concreto dado à representação, como também na realidade que existe fora do pensamento. E isto mesmo se tal essência – as abstrações mais simples e suas relações de determinação – não se mostra imediatamente à consciência.

A ciência também não se constitui exclusivamente em torno das relações entre estas essências. O traço que Marx aprecia na obra de Ricardo não é, na verdade, apenas que ele comece a estabelecer os laços entre os « *conceitos que enuncia a essência interna de seu objeto* » (Althusser, 1980: 21), mas também que, à partir da essência ou do *fundamento* de seu objeto – qual seja, a determinação do valor pelo tempo de trabalho – ele obrigue a ciência

a abandonar a rotina vigente, a verificar até que ponto as demais categorias por ela desenvolvidas e descritas – relações de produção e de circulação –, formas

¹⁶ « *Spinoza, contra o que, com razão, devemos chamar de empirismo dogmático latente do idealismo cartesiano, entretanto nos advertiu de que o objeto do conhecimento, ou essência, era em si absolutamente distinto e diferente do objeto real* » (Althusser, 1979b : 41).

daquele fundamento, correspondem ao ponto de partida, ou o contradizem; até que ponto a ciência que espelha e reproduz simplesmente as formas aparentes do processo, e assim esses próprios fenômenos, correspondem ao fundamento sobre que repousam os nexos internos [*der innere Zusammenhang*], a fisiologia verdadeira da sociedade burguesa, ou que constitui seu ponto de partida; e em geral, como se comporta essa contradição entre o movimento aparente e o real do sistema. Este é, portanto, o grande significado histórico de Ricardo para a ciência (Marx, 1983 : 598 ; 1976 : 185 ; *MEW* 26.2 : 163).

As categorias que dão conta da essência ou do fundamento da sociedade burguesa moderna não constituem, portanto, a totalidade da ciência tal como Marx a caracteriza. Em outros termos, o segundo trajeto do método marxiano, aquele pelo qual a ciência « *abrange [embrasse] a totalidade de seu objeto* » (Althusser, 1980: 20), não se reduz ao estabelecimento das relações unicamente entre os elementos essenciais. Trata-se igualmente – e diríamos mesmo fundamentalmente – de reconhecer a natureza das relações entre estes últimos e as formas do « *movimento aparente* ». Este método *parte* das categorias essenciais (à rigor, ele parte do *valor* já em sua primeira forma de aparição, isto é, como *valor de troca*) para tentar reconhecer, na totalidade de seus laços, em que sentido e de que maneira os fenômenos sob os quais elas se apresentam encontram-se a elas relacionados.

Neste trajeto de retorno do pensamento, no qual o concreto real, o todo mais complexo, é reconstituído no conjunto de suas relações e facetas, no seio de uma exposição que parte da abstração mais simples, não há, pois, exclusão recíproca entre a essência e o fenômeno, mas uma relação complexa entre as abstrações mais simples e o todo das determinações do concreto¹⁷. A relação intrínseca entre estas determinações essenciais e as formas sob as quais elas se manifestam é explicada, por Marx, na seção do *Capital* intitulada *O salário*:

Na expressão “valor do trabalho”, a idéia de valor¹⁸ não só se desvanece inteiramente, mas também se converte no oposto dela. É uma expressão imaginária, como, por exemplo, valor da terra. Essas expressões imaginárias, entretanto, têm sua origem nas próprias relações de produção. São categorias que correspondem a formas aparentes de relações essenciais. Todas as ciências, exceto a economia política, reconhecem que as coisas apresentam frequentemente uma aparência oposta a sua essência (Marx, 1988, pp. 619-620)¹⁹.

¹⁷ Como o explica Il'enkov : « *Marx fala de 'totalidade' quando ele deve caracterizar o objeto como um todo único, ligado em cada uma de suas manifestações múltiplas, como um 'sistema orgânico' de fenômenos que se condicionam reciprocamente. Este conceito é oposto àquele, metafísico, pelo qual o objeto é apreendido como um agregado mecânico de partes constitutivas imutáveis, que se encontram ligadas entre elas apenas extrinsecamente, de forma mais ou menos fortuita* ». (Il'enkov, 1975: 2).

¹⁸ A tradução de Lefebvre opta por *conceito* de valor [*Wertbegriff*] (cf. Marx, 2009 : 601).

¹⁹ [« *Im Ausdruck: 'Wert der Arbeit' ist der Wertbegriff nicht nur völlig ausgelöscht, sondern in sein Gegenteil verkehrt. Es ist ein imaginärer Ausdruck, wie etwa Wert der Erde. Diese imaginären Ausdrücke entspringen jedoch aus den Produktionsverhältnissen selbst. Sie sind Kategorien für Erscheinungsformen wesentlicher Verhältnisse. Daß in der Erscheinung die Dinge sich oft verkehrt darstellen, ist ziemlich in allen Wissenschaften bekannt, außer in der politischen Ökonomie* ». *MEW* 23: 559].

Os fenômenos fazem, portanto, parte dos objetos da ciência, mesmo se, nesta, eles aparecem submetidos à hierarquia definida por seu fundamento ou explicação. Vale dizer, a este respeito, que é precisamente aqui que reside a diferença entre a ciência (e conseqüentemente entre a ordem de exposição ou ordem « *manifestamente científica* ») e a representação inicial da qual ela parte. A primeira apresenta, como acabamos de ver, uma ordem hierarquicamente organizada, segundo a qual pode-se explicar os fenômenos à partir de sua essência, enquanto que, na representação inicial e no início da pesquisa, fenômenos e essências aparecem no interior de um todo que não é exatamente discernível em seus elementos e relações de determinação, aparecem como um todo indistinto, ainda submetido a suas formas fenomenais. A pesquisa empreendida por Marx, nos *Grundrisse*, mostra justamente que este pensador, concentrado – principalmente no primeiro capítulo – sobre as relações de troca, das quais ele partira em sua crítica da economia política, confunde, ainda aqui, as relações de determinação que estão em jogo na *essência* de seu objeto, ou seja, no *tempo de trabalho socialmente necessário*. Este último – e, por conseqüência, o conjunto de relações que dele decorrem – não será completamente entendido antes da virada decisiva de sua pesquisa rumo às relações de produção. Em outros termos, ele não será completamente decifrado enquanto Marx continuar concentrado sobre as relações de troca como relações determinantes e enquanto ele não sair, portanto, da representação que subordina as essências às aparências, para descobrir, aí, a relação de determinação inversa. Como prossegue Marx na explicação precedente:

À forma aparente, ‘valor e preço do trabalho’ ou ‘salário’, em contraste com a relação essencial que ela dissimula, o valor e o preço da força de trabalho, podemos aplicar o que é válido para todas as formas aparentes e seu fundo oculto. As primeiras aparecem direta e espontaneamente como formas correntes de pensamento; o segundo só é descoberto pela ciência. » (Marx, 1988 : 625)

Mas não se descobre o segundo senão à partir das primeiras. E, por outro lado, a ciência só se constitui quando ela é capaz de fazer o caminho de retorno e de explicar, portanto, as formas fenomenais à partir de seu substratum.

A reconstrução do método de Marx

Na exposição que segue, tentaremos estabelecer uma relação entre a teoria de Althusser e a obra de Marx. No que concerne à abordagem metodológica que está no centro desta teoria, queremos mostrar que ela opera, finalmente, uma transfiguração completa do método esboçado na *Introdução de 1857* e colocado em prática no *Capital*. Como vimos, Althusser realiza uma distinção muito clara entre a abstração inicial (que ele chama de *Generalidade I*), de um lado, e a teoria e seus conceitos (*Generalidade II*), de outro. A abstração inicial constitui, aliás, uma determinação fundante no filósofo francês. Inicialmente, colocaremos a questão de saber se é realmente possível

isolar, no texto de Marx, uma abstração inicial. Como mostramos em outra oportunidade (Vieira, 2012: 164-175), desde o início de *O Capital*, Marx coloca em relação as abstrações concernentes, quais sejam, o valor de troca, o valor de uso e o valor. Em seguida e em estreita relação com isto, é preciso sublinhar também que, desde o primeiro parágrafo, encontramos estabelecido um processo que é, ao mesmo tempo, de abstração e de sintetização. Neste sentido, pode-se dizer que não há uma distinção tão clara entre as abstrações do início, ou sua trama, e a teoria de Marx propriamente dita²⁰. Em outros termos, a « *teoria* » ou o « *método teórico* » não é outra coisa senão o próprio processo de sintetização, pelo qual as abstrações se recompõem em sua trama mais complexa.

Não esqueçamos que, para Marx, não existem abstrações isoladas e que as abstrações mais simples, pelas quais começa toda exposição teórica, só existem enquanto partes de um todo mais complexo. Neste sentido, Hegel tinha razão em começar, por exemplo, sua filosofia do direito pela categoria de *posse* na medida em que ela constitui « *a mais simples relação jurídica do sujeito. Mas – como o explica Marx – não existe posse antes da família ou das relações de dominação e de servidão, que são relações muito mais concretas* » (Marx, 2011: 55).

O problema que encontramos, aqui, é que o princípio que tem a primazia em Althusser, qual seja a teoria concebida como algo distinto e independente com relação às próprias abstrações, é inexistente na obra de Marx. O processo do conhecimento ou, nos termos althusserianos, os *instrumentos* ou *meios* do conhecimento não podem ter o primado sobre as abstrações simplesmente porque eles não têm existência autônoma ou distinta face a estas últimas e porque os « *conceitos teóricos* » de Marx não se distinguem das abstrações enquanto tais.

No método de Marx, o primado não recai sobre a teoria. Ele não é também um primado da alternativa recusada por Althusser, segundo a qual tratar-se-ia, então, como em Hegel, de um primado da abstração ou da *abstração inicial*. O fundamento ou o *motor* do desenvolvimento teórico não corresponde, na verdade, aqui, às abstrações mais simples ou à abstração principal: o valor. Como o explica Lukács :

Tão somente porque no valor, enquanto categoria central da produção social, confluem as determinações mais essenciais do processo global, é que a exposição abreviada, reduzida, dos fatos decisivos, das etapas ontológicas da gênese, possui ao mesmo tempo o significado de fundamento teórico também das etapas econômicas concretas. Essa posição central da categoria valor é um fato ontológico e não, por exemplo, um “axioma” que sirva de ponto de partida para deduções puramente teóricas ou mesmo lógicas (Lukács, 2012 : 313).

²⁰ No fundo, Althusser entende por « *teoria* » em Marx o que está descrito, na *Introdução de 1857*, como sendo o « *método teórico* » (Marx, 2011: 55), ou seja, o método de exposição do *Capital*.

Se a exposição científica não parte simplesmente das formas aparentes, sem as explicar em suas determinações mais específicas e essenciais, e se não se trata também de um procedimento que, como o de Smith, confunde estes dois aspectos ; se, para explicar o conjunto dos fenômenos tais como eles aparecem também na superfície da sociedade, ela parte das abstrações mais simples, o fundamento do desenvolvimento teórico é, na verdade, o *sujeito real*.

Na obra de Marx, o primado não é dado às abstrações, mas a estas tais como elas encontram-se postas e determinadas em sua relação de conjunto. Como já sublinhamos, o mais importante no que concerne às indicações de método deixadas por ele, é o aspecto *concreto* do conhecimento, ou seja, o fato de que as categorias que dão conta do ser social sejam categorias que existem antes mesmo que nela pensemos. O que determina, de forma constante, a pesquisa de Marx é uma concepção ontológica segundo a qual procura-se desvelar o *sujeito real* no conjunto de suas relações e à partir das categorias concebidas como *Daseinformen*. Em outros termos, o importante aqui é, portanto, a necessidade segundo a qual é preciso que este « *trajeto do pensamento* » corresponda ao concreto real, encontre nele seu fundamento. A teoria e os conceitos são concebidos por Marx precisamente como a ordem ontológica das categorias, a ordem segundo a qual estas últimas *articulam-se* (*Gliederung*) no seio da sociedade burguesa moderna (Marx, 2011: 60). Neste sentido, o critério do conhecimento não pode jamais ser separado do objeto real do conhecimento enquanto concreto ou conjunto de múltiplas determinações.

Voltemos à obra de Althusser. Diferentemente da interpretação de Della Volpe, a « *teoria* » não corresponde, aqui, ao momento da abstração. Numa leitura bastante particular, Althusser leva em consideração apenas o último trajeto do método de Marx, aquele que corresponde à exposição do *Capital*. Em seguida, ele transforma, como vimos, os momentos deste trajeto em abstrações ou *Generalidades*: a *abstração inicial*, a *teoria* e o resultado ou o *conhecimento*. Segundo a *Introdução de 1857*, o *método teórico* corresponde, com efeito, a este percurso de sintetização considerado por Althusser. No entanto, a concepção althusseriana deste método diverge daquela de Marx na medida em que ela o entende como correspondendo ao próprio processo do conhecimento. Para Althusser, a *teoria* ou o *método teórico* de Marx corresponde ao momento da investigação enquanto tal, pois, ela abarca a totalidade de seus elementos: o *objeto*²¹ ou a *matéria prima* do conhecimento (*Generalidade I*), a *teoria* ou o *instrumento* do conhecimento (*Generalidade II*), e o *resultado* ou o

²¹ Em geral, Althusser não emprega a noção de *objeto* para identificar o ponto de partida da teoria, e isto porque seu objetivo é precisamente o de distinguir este último do *objeto real* ou do *concreto real* que « *subsiste [...] no exterior do pensamento* » (Marx) » (Althusser, 1979 : 162). Como ele o explicita, porém, em *Ler o Capital*, pode-se muito bem entender este ponto de partida – a primeira *Generalidade* – como correspondendo ao *objeto do conhecimento* da teoria: « *Trabalhando sobre seu 'objeto', o conhecimento não o faz então com o objeto real, mas com sua própria matéria-prima, que constitui, no sentido rigoroso do termo, o seu 'objeto' (de conhecimento) que é [...] distinto do objeto real.* » (Althusser, 1979b : 44).

*conhecimento tout court (Generalidade III)*²². Em outros termos, Althusser reduz o método de Marx à exposição do *Capital*, como se ela contivesse o conjunto ou, ao menos, o elemento fundamental do « *processo do conhecimento* » em Marx. Trata-se, portanto, de saber se esta interpretação pode realmente encontrar sustentação na obra de Marx e se se pode reduzir, de alguma forma, a teoria marxiana à exclusiva exposição do *Capital*.

Vimos que, em Marx, a *teoria* não tem um estatuto de autonomia com relação às abstrações. Queremos mostrar, agora, que, tal como ela é entendida por Althusser, ou seja, como correspondendo à totalidade do processo do conhecimento²³, ela não pode se reduzir unicamente ao trajeto do método de exposição. Pois, a passagem do abstrato ao concreto, estabelecida por Marx no *Capital*, não é outra coisa senão o processo de abstração ele mesmo, mas no sentido inverso. Trata-se, como o explica Marx, da reconstrução do todo concreto no pensamento, ou ainda do « *trajeto de retorno* ». O processo do conhecimento e o método da crítica da economia política partem, na realidade, do *concreto real*, do todo compreendido sob a égide das relações de circulação – tal como ele ainda aparece, por exemplo, no início dos *Grundrisse* – e não das *abstrações* (em todo caso, não das abstrações tal como elas estão presentes no início do *Capital*). Segundo Marx, na trajetória do conhecimento, partimos, em geral, do concreto como totalidade indeterminata ou « *representação caótica do todo* » (Marx, 2011: 54). O processo de investigação pelo qual se chega às abstrações faz, portanto, parte – e de forma importante – do processo do conhecimento. Além da *Introdução de 1857*, isto nos é assegurado também pelo estudo das versões precedentes do livro primeiro do *Capital*, nas quais podemos retrair o conjunto das descobertas apresentadas neste livro, como também pela explicação de Marx, no Posfácio do *Capital*, segundo a qual cabe à « *investigação [...] apoderar-se da matéria, em seus pormenores, [...] analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e [...] perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real* » (Marx, 2003 : 28).

Consequentemente, não é apenas o « *concreto de pensamento* » que corresponde ao *resultado* do trabalho do conhecimento. As « *abstrações iniciais* », apresentadas no início do *Capital*, são, também elas, *resultados* do processo do conhecimento empreendido por Marx. Elas fazem parte destes *resultados*, do conjunto das relações reconstituídas pelo método teórico, bem como do próprio *processo* do conhecimento. De tal modo – assim como elas aparecem no início do *Capital* – elas não correspondem, na verdade, ao *objeto do conhecimento* de Marx, mas aos *resultados* de seu processo de conhecimento. Resultados, estes, que só são parciais porque se trata de um aspecto da trama das relações descobertas e demonstradas por Marx, na medida em que, em um método

²² « *A prática teórica produz Generalidades III pelo trabalho da Generalidade II sobre a Generalidade I* ». (Althusser, 1979 : 161).

²³ « *O processo que produz o concreto-conhecimento se passa totalmente na prática teórica* ». (Ibid.: 162).

correto do ponto de vista científico, devem aparecer coordenados segundo sua ordem de determinação na sociedade burguesa moderna.

É preciso, agora, analisar a última e mais importante determinação das abstrações segundo a qual, na obra de Marx, estas últimas não correspondem a resultados de uma escolha puramente teórica, mas são, antes de tudo, formas do ser (*Daseinformen*), determinações da existência (*Existenzbestimmungen*). A problemática central da teoria de Althusser, que consiste precisamente na negação da presença de todo e qualquer *sujeito concreto* no método teórico de Marx, está estritamente ligada ao fato de que, para ele, Marx parte, *ab initio*, das abstrações : « *Ele não parte dos 'sujeitos concretos', mas de Generalidades I* » (Althusser, 1979: 166-167). Como o explica Marx, porém, não apenas ele parte de *sujeitos* reais e concretos (cf. Marx, 2011: 39), como o *sujeito real* deve continuar presente ao longo de *todo* o processo do conhecimento, inclusive no momento da exposição teórica: « *Também no método teórico, o sujeito, a sociedade, tem de estar continuamente presente como pressuposto da representação* » (Marx, 2011: 55). O objetivo de sua exposição é justamente o de conseguir « *reproduzir* » o concreto, no conjunto de suas determinações e relações, « *como um concreto mental [es als ein geistig Konkretes]* » (Marx, 2011: 55), de forma que fique « *espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada* » (Marx, 2003: 28). As abstrações de Marx, mesmo sendo resultados do pensamento, não deixam de ser, portanto, ao mesmo tempo, abstrações reais.

A última trajetória do método de Marx é, por excelência, o caminho do pensamento precisamente porque é, aqui, no procedimento de exposição, que tem lugar a explicação ou reconstrução do todo concreto como *concreto de pensamento* [*Gedankenkonkretum*], o momento do processo global no qual o todo é reconstruído na totalidade de suas relações. As abstrações são, porém, obtidas à partir de um pensamento sobre o todo concreto tal como ele é acessível à representação, pois : « *A totalidade concreta como totalidade de pensamento, como um concreto de pensamento, é de fato um produto do pensar, do conceituar ; mas de forma alguma é um produto do conceito que pensa fora e acima da intuição e da representação, e gera a si próprio, sendo antes produto da elaboração da intuição e da representação em conceitos* » (Marx, 2011: 55).

Portanto, se o abstrato e o concreto final são *resultados* do pensamento, isto não impede que o *sujeito real* esteja presente em toda a trajetória do conhecimento realizada por Marx. Em termos mais precisos, se é verdade que o processo de concreção ou de sintetização das abstrações é um processo do pensamento que tem uma existência própria, não é menos verdade que ele tem o concreto real como critério de verdade. A exposição de Marx parte de categorias abstratas, mas não de puras abstrações teóricas ou de conceitos que não apresentam relação intrínseca com um *sujeito real*. Esta é, aliás, justamente a razão pela qual, neste método, é preciso voltar ao concreto ou

empreender « *a viagem de retorno* »: é preciso assegurar que estas abstrações não se volatilizem em conceitos abstratos, como no caso da economia política do século XVII (Marx, 2011 : 54).

Na *Introdução de 1857*, Marx pergunta-se se o trajeto de sintetização (*Zusammenfassung*) em um concreto de pensamento corresponde, nesta mesma ordem – ou seja, na ordem segundo a qual as categorias mais abstratas conduzem à explicação do concreto – à ordem de aparição histórica destas mesmas categorias. Como se sabe, sua resposta é negativa, já que a ordem de exposição deve corresponder, na verdade, à ordem de articulação das categorias no interior do quadro da sociedade burguesa moderna. É preciso insistir, porém, mais uma vez, sobre a distinção entre a ordem da gênese histórica das categorias da economia política e o estatuto de realidade destas mesmas categorias. Pois, sobre este último, Marx nunca levanta dúvidas: « *O sujeito, aqui a moderna sociedade burguesa, é dado tanto na realidade como na cabeça, e [...] por conseguinte, as categorias expressam formas de ser, determinações de existência* » (Marx, 2011 : 59). A questão que ele se põe concerne, portanto, somente à relação mencionada da ordem do pensamento com a da sucessão das categorias no curso da história (cf. Marx, 2011: 60).

O valor de troca, como forma social dos produtos do trabalho, tem sua origem histórica na existência real dos produtores (ou da força de trabalho) e dos meios de produção como condições que foram *libertadas* uma da outra e na generalização deste novo tipo de relação de produção – na qual os produtos do trabalho só podem ser apropriados através do mercado – como forma social dominante. Estes elementos históricos são explicados nos *Grundrisse*, bem como no *Capital* (mesmo se, na primeira Seção desta última obra, eles provisoriamente não são explicitados). Mas, se a forma-valor como forma social dos produtos do trabalho é uma forma histórica que só alcança todas as suas determinações constitutivas na medida em que se desenvolve historicamente este modo de produção, isto não implica que se possa compreendê-la exclusivamente por meio de uma abordagem histórica. Segundo Marx, é preciso tornar concreto e específico o sentido das categorias abstratas da economia política. E esta é a razão pela qual ele se debruçará sobre a análise do caminho aberto por Hegel, ou seja, sobre o *método teórico* que ele descreve como sendo o *caminho do pensamento* [*im Weg des Denkens*] rumo ao concreto como *concreto de pensamento*, por meio do qual se reconstrói o concreto como « *síntese de múltiplas determinações* » (Marx, 2011: 54).

A *Lógica* de Hegel foi útil a Marx na medida em que ela o ajudou a compreender a ordem de determinações das categorias no seio da sociedade burguesa moderna²⁴. O que queremos sublinhar,

²⁴ A interpretação de Christopher John Arthur é de grande interesse para o entendimento dessa questão. Ela mostra justamente a importância « *de se apreender o fundamento ontológico do sistema capitalista* », « *a fim de se estabelecer a pertinência da lógica de Hegel para a crítica da economia política.* » (Arthur, 2004: 80). Segundo ele, a « *‘abstração material’ [do início do Capital] tem uma realidade substancial completamente independente de qualquer posição metodológica sobre a abstração na construção da teoria. Ela produz uma ‘realidade invertida’ na qual as mercadorias apenas instanciam [simply instantiate] sua essência abstrata enquanto valores; e na qual os trabalhos concretos*

porém, é que, para empreender tal *método teórico*, é preciso já ter alcançado, no percurso da pesquisa, as abstrações mais simples. Marx o explica, aliás, quando ele escreve que se trata de um método voltado simplesmente para a *exposição* (cf. Marx, 2003, p. 28) e, até mesmo, que se trata, desta forma, de « *refazer a viagem de retorno* » (Marx, 1980: 34). O método teórico ou de exposição é importante, é um arranjo definitivo, mas representa apenas uma conclusão da pesquisa. Enquanto tal, ele não é responsável pela descoberta das abstrações mais importantes que definem o objeto da pesquisa de Marx. De forma mais ordenada e sintética, pode-se dizer que, à pesquisa do fundamento histórico das categorias centrais da produção moderna, a obra de maturidade de Marx associa uma busca incessante e infinita com vistas a alcançar a ordem específica de determinação e o sentido moderno destas mesmas categorias, em sua forma mais próxima do *concreto real*. E é justamente na busca deste último objetivo que a *Lógica* de Hegel parece ter se revelado uma ajuda preciosa²⁵.

O *método teórico* que, segundo Althusser, indicaria o próprio processo do conhecimento corresponde, portanto, na verdade, apenas à conclusão da pesquisa posta em prática por Marx. Trata-se de uma *parte* de seu trabalho teórico: aquela da procura da forma específica sob a qual as abstrações mais essenciais encontram-se postas em sua relação com o conjunto das determinações do concreto.

Voltemos, agora, sobre o que caracteriza a preocupação central de Althusser em *A favor de Marx e Ler o Capital*, ou seja, sua distinção radical entre o « *objeto do conhecimento* » e o *sujeito real* ou *concreto real* de que fala Marx :

Nunca estaremos diante de uma intuição sensível, ou representação ‘puras’, mas de uma matéria-prima *sempre-já* complexa, de uma estrutura de ‘intuição’ ou de ‘representação’ que combina, numa ‘*Verbindung*’ peculiar, ao mesmo tempo, ‘elementos’ sensíveis, técnicos e ideológicos ; que, portanto, jamais o conhecimento se acha, como o queria desesperadamente o empirismo, diante de um *objeto puro*

contam exclusivamente como fragmentos de trabalho abstrato. O que é de um grande interesse, aqui, é que esta abstração não é uma operação mental ; é uma abstração material » (Ibidem). É à partir disto que ele explica, então, a relação da obra de Marx com a Lógica de Hegel : « Exatamente como a lógica de Hegel segue o auto-movimento do pensamento quando ela percorre o universo das categorias, também a dialética da troca coloca em funcionamento um sistema determinado pelas formas. Aqui, as estruturas formais são realmente ‘auto-ativas’ ; e isto não apenas no sentido em que elas seriam conectadas categorialmente por nosso processo de pensamento. » (Ibid., p. 82). « Para resumir : o segredo da estrutura e do desenvolvimento da economia capitalista deve ser encontrado justamente no início, quando a abstração material da troca mercantil cria a realidade de formas puras que, em seguida, prosseguem sua lógica de desenvolvimento próprio [como em Hegel] e o sistema inteiro deve ser apreendido [...] como determinado pela forma. » (Ibid., p. 83).

²⁵ « *A análise dos casos particulares e dos termos históricos de desenvolvimento de um certo modo de produção opõe-se à análise abstrata da essência que é um espelho da realidade em seu próprio Kerngestalt [núcleo estrutural] [Hegel]. Contra Althusser, sustentamos que uma tal reflexão seja possível unicamente porque advém, na própria realidade, um processo de constituição categorial oposto ao devir do fenômeno, processo que configura a essência de um modo de produção determinado e, conseqüentemente, de uma forma de sociabilidade. [...] Tanto assim que o discurso torna-se científico apenas quando ele reproduz a ordem desta constituição ontológica. » (Giannotti, 1971: 14).*

que fosse então idêntico ao *objeto real* do qual o conhecimento visa justamente produzir... o conhecimento (Althusser, 1979b : 44).

Não se pode não concordar com o fato de que, no processo do conhecimento, não se está jamais diante de um ponto de partida *puro* ou de um *objeto real* em carne e osso. Mas, isto é diferente de dizer que o objeto do conhecimento de Marx não é o *objeto real*. Vejamos, pois, quais são os pontos a serem distinguidos no problema. Primeiramente, o objeto do conhecimento de Marx situa-se fora do pensamento. Não se trata, entretanto, de um fato singular, mas « *de um todo vivente, concreto, já dado* » (Marx, 2011 : 55), de relações sociais realmente existentes. Quando se fala do « *objeto do conhecimento* » de Marx, certamente não se fala, pois, das representações do início do processo de conhecimento enquanto tais, mas também não, das *abstrações*. À rigor, o objeto do conhecimento de Marx só existe enquanto *concreto real*, do qual é preciso tentar se aproximar ao máximo por meio de uma dialética do pensamento que tente alcançá-lo em toda a sua complexidade de relações (portanto, não da maneira própria ao empirismo).

Em seguida, e precisamente porque o processo de conhecimento se passa no interior do pensamento²⁶, se o objeto do conhecimento de Marx é, antes de mais nada, algo (um concreto) que existe e *subsiste* fora do pensamento, o ponto de partida do trajeto do conhecimento não pode ser, por sua vez, senão as representações e intuições deste concreto – como, por exemplo, a determinação das relações de produção pelas relações de circulação que vemos no início dos *Grundrisse* (Cf. Vieira, 2012: cap. 2; Dobb, 1984: VIII). Voltaremos, abaixo, sobre este ponto. Tudo isto opõe-se, porém, à explicação de Althusser segundo a qual tais « *elementos sensíveis* » não estão presentes no ponto de partida da pesquisa ou aparecem, aí, apenas de forma já « *elaborada* » pelo pensamento – mais precisamente, como as abstrações do início do *Capital*. Para Althusser, mais que a representação ou a intuição, o que conta, aqui, é o « *trabalho do pensamento* ».

Podemos entender, agora, porque a primazia do *teórico* – entendido do ponto de vista de uma teoria do conhecimento – e a recusa de todo caráter de realidade às abstrações encontram-se estreitamente relacionadas e representam os dois aspectos fundamentais desta leitura. O fato de partir diretamente do *Capital* e de seu método e de considerar este último como sendo « o » método de Marx é justamente o que permite, à Althusser, recusar qualquer realidade concreta como fundamento do « *objeto do conhecimento* » de Marx. Com efeito, nesta obra, Marx não parte mais do concreto da representação, mas das abstrações já elaboradas e que resultam de seu processo de investigação.

²⁶ « A totalidade concreta como totalidade de pensamento, como um concreto de pensamento, é 'de fato' um produto do pensar, do conceituar. » (Marx, 2011 : 55).

O filósofo francês é evidentemente consciente do que escreve Marx, na *Introdução de 1857*, e de que o verdadeiro ponto de partida da crítica da economia política não é a abstração. Em outros termos, ele é consciente do fato de que o trajeto conceitual descrito por Marx, no *Capital*, não tem um ponto de partida *ex nihilo* e que, ao contrário, ele supõe uma vasta pesquisa de caráter tanto histórico quanto teórico. E é justamente porque as abstrações do início do *Capital* representam resultados de um percurso precedente, e porque – como o confessa o próprio Marx – não estamos, aqui, apenas no nível da representação, que, para explicar o método de Marx, Althusser leva em consideração apenas a exposição do *Capital*. Este método de exposição lhe permite mostrar, no fundo, pressupostos que estão na base de sua própria concepção teórica, qual seja a primazia do teórico ou o conhecimento encarado como *produção* e a recusa de toda concepção empirista do conhecimento²⁷.

No entanto, como queremos mostrar, se o segundo pressuposto – a recusa da concepção empirista – encontra-se presente no próprio pensamento de Marx (mesmo se, ao contrário do que pensa Althusser, isto não impede que o objeto do conhecimento seja, aqui, um objeto real e que o ponto de partida de Marx seja, como qualquer outro, « *uma representação caótica do todo* » (Marx, 2011:54)), o primeiro pressuposto – o conhecimento encarado como *produção* – não existe na obra do pensador alemão, mas lhe é, ao contrário, estranho. O que é preciso sublinhar ou explicitar no texto de Althusser, segundo o qual trata-se de « *dar a uma matéria-prima preexistente [a filosofia de Marx] a forma de certo objeto ajustado a um fim* » (Althusser, 1979b : 34), é, portanto, que este *fim* é externo à obra de Marx e que se trata de ajustar ou de tornar adequada esta última a pressupostos que a *transformação*, para, à partir dela, produzir o conhecimento (cf. *ibidem*).

Visto que a recusa de todo e qualquer caráter de realidade ao objeto do conhecimento apresenta-se, em Althusser, como a condição principal do estabelecimento da primazia do teórico, na obra de Marx, voltemos sobre o problema do ponto de partida do conhecimento. Segundo Marx, o pensamento ou o ato de conceber (*Begreifens*) parte das representações (*Vorstellung*) e da intuição (*Anschauung*) do real – o que evidentemente não quer dizer que ele deva aí permanecer. Em sua obra, há justamente todo um esforço por mostrar que as representações mais imediatas não são o que constitui a referência do pensamento. Trata-se de apreender o *sujeito real* [*le sujet réel*] em sua

²⁷ « *Essa 'leitura' [dos textos de Lênin] permitiu esclarecer e repor a questão [...] ao texto metodológico de Marx da Introdução de 1857* » (Althusser, 1979b : 33), como também ao *Capital*, como acrescenta Althusser em seguida. « *Trata-se, pois, de produzir, no sentido rigoroso da palavra que parece significar : tornar patente o que está latente ; mas que quer dizer : transformar (para dar a uma matéria-prima preexistente a forma de certo objeto ajustado a um fim) o que, em certo sentido, já existe. Essa produção, [...] é a produção de um conhecimento. Conceber em sua especificidade a filosofia de Marx é, pois, conceber a essência do próprio movimento pelo qual é produzido o seu conhecimento ou conceber o conhecimento como produção.* » (Althusser, 1979b : 34. Os destaques são de Althusser). Sobre a crítica do empirismo, que Althusser toma « *no seu sentido mais lato, dado que pode abranger tanto um empirismo racionalista como sensista [sensualiste], e que o encontramos em ação no próprio pensamento hegeliano* » (Althusser, 1979b : 35) ; cf. também *ibid.* : 36.

própria constituição ontológica, ou seja, no que ele é fora do pensamento. Assim, na primeira parte do capítulo da *Introdução de 1857* intitulado « Método da economia política », o que Marx indica é precisamente o oposto do que sustenta Althusser. Segundo Marx, o *ato de conceber* [*Begreifens*] não é nunca um processo autônomo em relação ao sujeito (ou objeto) real. Ao contrário. Primeiramente, ele não se produz senão *à partir* das representações e intuições que concernem tal objeto. Em seguida, ele só corresponde a um processo de conhecimento se conservamos « *constantemente presente, no espírito, enquanto pressuposto* [*als Voraussetzung stets der Vorstellung vorschweben*] » (Marx, 1980 : 36 ; 2011 : 55) não estas representações iniciais, mas o próprio *sujeito real, a sociedade* (*Ibidem*). A representação da qual se parte ou « *o concreto representado* » – como o indica Marx, para sublinhar que se trata de uma representação do concreto em sua totalidade imediata – é, enquanto tal, « *uma representação caótica do todo* » (Marx, 2011 : 54). E é apenas após a procura de uma aproximação ao « *fundamento sobre o qual repousam os nexos internos* » (Marx, 1983: 598; 1976: 185) – através do processo de abstração e especificação – que se pode, num processo de retorno do pensamento ao conjunto das abstrações em sua relação mais complexa, alcançar a *totalidade* em suas « *múltiplas determinações e relações* » (Marx, 2011 : 54 ; Marx, 1980 : 34).

É justamente por reconhecer a autonomia do real face ao pensamento que Marx, reconhecendo a existência efetiva deste último, sublinha constantemente a necessidade de sua coerência vis-à-vis o *sujeito real*, e não o contrário. Do reconhecimento marxiano do « *concreto de pensamento* » enquanto « *produto do pensar e do conceituar* », Althusser deduz uma autonomia do pensamento que ultrapassa em muito o sentido que ela apresenta nos escritos de Marx. A existência concreta do pensamento enquanto algo exterior e independente com relação ao objeto real, não implica uma autonomia em sua forma ou, pelo menos, não deve implicá-la. Na *Introdução de 1857*, não se encontra uma distinção no pressuposto ou ponto de partida do conhecimento. O que Marx distingue aí não é o « *objeto real do objeto do conhecimento* » (Althusser, 1979b : 48), mas a realidade enquanto concreto real, ou como « *um todo vivente, concreto, já dado* », da « *totalidade concreta como totalidade de pensamento, como um concreto de pensamento* [*Gedankenkonkretum*]» (Marx, 2011 : 55). Em outros termos, não se trata de uma distinção no « *objeto* » (pois, esta implicaria uma distinção no *pressuposto* do conhecimento, que, para Marx, não é outra coisa senão o *sujeito real*), mas no *resultado* do processo do conhecimento – mais precisamente, entre este e o concreto real « *vivo* ». Mas, o mais importante, é que esta distinção não visa reforçar a autonomia do pensamento, mas visa, ao contrário, sublinhar sua dependência com relação à intuição e à representação do real. Como o explica Marx na *Introdução de 1857*, o fato de que o *concreto de pensamento* seja « *um produto do ato de pensar* [*ein Produkt des Denkens*] »

(*Ibidem*) não implica, de forma alguma, que ele seja « *o produto do conceito que se engendraria ele mesmo e pensaria fora e acima da intuição e da representação [keineswegs aber des außer oder über der Anschauung und Vorstellung denkenden und sich selbst gebärenden Begriffs]* » (Marx, 1980 : 36). Contrariamente a isto, ele é precisamente o « *produto da elaboração da intuição e da representação em conceitos* » (Marx, 2011 : 55).

E mesmo se a « *cabeça se comportar apenas de forma especulativa, apenas teoricamente* », « *o sujeito real continua a existir, como antes, em sua autonomia fora da cabeça* » (*Ibidem*). Ao invés de uma autonomia qualquer do pensamento, o que se destaca, portanto, no texto de Marx, é, na verdade, uma autonomia do *sujeito real* em sua existência fora do cérebro. Trata-se, por isso mesmo, de reenviar o pensamento científico a sua base concreta: « *Como em geral em toda ciência histórica e social, não se deve jamais esquecer [...] que o sujeito, aqui a sociedade burguesa moderna, é dado tanto na cabeça como na realidade [...] e que, por conseguinte não é, de forma alguma, exclusivamente à partir do momento em que se trata dela enquanto tal que ela começa a existir também do ponto de vista científico* » (Marx, 1980 : 40-41).

Diversamente do que assegura Althusser, a saber que « *o texto da Introdução de 57 [...] distingue rigorosamente o objeto real do objeto do conhecimento* » (Althusser, 1979b : 48), não há, pois, aqui, uma tal distinção. Como acabamos de mostrar, não se trata de conhecer as representações iniciais ou os fenômenos dos quais se parte, mas também não se trata de conhecer exclusivamente as « *abstrações* » fundamentais. O « *objeto* » do conhecimento é, para Marx, o *sujeito real* em sua essência ou *estrutura ocultada*, mas *também* o modo segundo o qual esta última determina a totalidade das relações entre as abstrações, tal como elas apresentam-se na totalidade concreta existente :

Marx estava diante de uma dupla tarefa metodológica: de um lado, encontrar, pelo caminho da abstração científica, as categorias e conceitos mediante os quais se podiam captar as relações essenciais (ou seja, a ‘essência’, em contraste com as meras ‘formas fenomênicas’) do modo de produção capitalista que deveria ser investigado; de outro, vincular essas relações essenciais com os fenômenos que ocorrem na ‘superfície’ da vida econômica (ou, antes, deduzir os primeiros à partir dos segundos) (Rosdolsky, 2011: 472).

Tudo isto – as relações essenciais e aquelas que estão « *na superfície da vida econômica* » – está colocado, porém, na própria forma do *sujeito real*. A forma procurada é aquela posta na realidade (*Daseinform*) e não no interior do pensamento ou entre o pensamento e a realidade. Trata-se de uma « *reprodução do concreto por meio do pensamento. [...] O método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como um concreto mental.* » (Marx, 2011: 54). Esta interpretação também é confirmada por

Marx, em suas *Notas marginais ao 'Tratado de economia política' de Adolphe Wagner*, quando ele explica que « *O Sr. Wagner se esquece também que, para mim, não são sujeitos nem o 'valor', nem o 'valor de troca', mas tão somente a mercadoria* » (Marx, 1977 : 242 ; MEW 19: 358), ou seja, a forma mais simples ou abstrata sob a qual aparecem as categorias essenciais de seu sujeito/objeto na realidade concreta : « *Primeiramente, eu não parto de 'noções' e, portanto, também não da 'noção de valor' [...] Parto da forma social mais simples, sob a qual se apresenta, na sociedade atual, o produto do trabalho, vem a ser a 'mercadoria'* » (Marx, 1977 : 246 ; MEW 19: 368-369). O « *objeto do conhecimento* » de Marx não são, portanto, as abstrações mais simples, mas o concreto real como complexo de determinações e tal como ele se determina à partir destas abstrações fundamentais²⁸.

Assim, é correto afirmar que a passagem teórica do abstrato ao concreto descreve um processo do pensamento e que Marx o tenha explicitado. Da mesma forma, é correto que « *o concreto real* » tem « *'sua independência, no exterior do pensamento'* » (Althusser, 1979 : 162). No método de Marx, porém, o processo do conhecimento não corresponde apenas a esta passagem do abstrato ao concreto (descrita, na *Introdução*, como o trajeto de retorno do pensamento e posta em prática no *Capital*). O *abstrato* apresenta-se já como o resultado de um trabalho de investigação. Trata-se das determinações alcançadas por Marx em seus longos anos de pesquisa.

Por trás da atribuição do papel de objeto do conhecimento à categoria *abstrato* e, de forma mais geral, da proposição da teoria como resultado de *transformações reais* que ocorreriam no curso do processo do conhecimento²⁹, há a rejeição de toda interpretação de Marx que se refira a Hegel e de toda concepção idealista que conceba o ser e o conhecer como sendo idênticos e possuindo uma mesma natureza. O apoio à tese da inversão implicaria aceitar que haveria também uma identidade de essência entre o abstrato e o concreto:

O 'acerto de contas' que nos indica o conceito de 'inversão' não pode consistir, então, em inverter a teoria que concebe a autogênese do conceito como 'a gênese do concreto' (real), na teoria contrária: a que concebe a autogênese do real como a gênese do conceito. (Althusser, 1979: 168).

²⁸ Isto confirma, aliás, a interpretação de José Chasin – autor que muito insistiu sobre a inconsistência de uma abordagem lógico-gnosiológica da obra de Marx: « *Pronunciamentos inequívocos que se estendem pelo conjunto da obra marxiana, assegurando a inexistência de qualquer tipo de antessala lógico-epistêmica ou apriorismo teórico-metodológico em sua plataforma científica, o que condiz à perfeição com os seus delineamentos da teoria das abstrações. Posicionamento que [...] sustenta de modo categórico a prioridade e a regência do objeto ou, mais rigorosamente, da coisa enquanto tal – do entificado real ou ideal em sua autonomia do ato cognitivo – em todo o processo do conhecimento.* » (Chasin, 2009: 222).

²⁹ No final deste processo, a Generalidade I não é « *mais uma generalidade ideológica nem uma generalidade que pertença a um estágio ultrapassado da ciência, mas uma generalidade científica especificada qualitativamente nova, em todos os casos* » (Althusser, 1979 : 165).

No entanto, como vimos, o *abstrato* e o *concreto de pensamento* não correspondem, na obra de Marx, às esferas do ser e do conhecer ou da ideologia e da ciência, mas simplesmente a momentos diferentes do processo de exposição³⁰. E na medida em que eles são apenas momentos diferentes do pensamento teórico – que apresentam um fundamento ontológico – não se pode dizer que haja, entre eles, uma diferença de *essência*³¹. As abstrações são, aqui, as categorias mais simples e são entendidas, por Marx, como *Daseinformen*. Elas diferem do *concreto de pensamento* da mesma maneira que o *dinheiro* ou o *valor* diferem do *capital* ou do conjunto articulado das determinações apreendidas no processo do conhecimento. Como o explica corretamente Lukács, a relação entre o *abstrato* e o *concreto* assemelha-se, portanto, na verdade, a uma relação das *partes* com o *todo*:

Pois, se, na primeira parte do *Capital*, é sempre toda a sociedade que constitui o plano de fundo, as exposições teóricas centrais apreendem simplesmente os atos individuais, mesmo se se trata, aí, de toda uma fábrica, com muitos trabalhadores, com uma divisão de trabalho complicada, etc. Importa, agora, considerar os processos – até aqui conhecidos de forma isolada – do ponto de vista de seu caráter social global. Marx indica novamente que a primeira exposição dos fenômenos tinha sido abstrata, e, por isso, formal. Isto se evidencia, por exemplo, no fato de que “para a análise, a forma natural do produto-mercadoria era absolutamente indiferente”, já que as leis abstratas são válidas da mesma maneira para qualquer tipo de mercadoria. Mas o fato de que da venda de uma mercadoria (M-D), não se siga, de forma alguma, a compra de uma outra mercadoria (D-M) aponta – na forma de uma contingência insuperável – que o processo global é irreduzível aos atos individuais (Lukács, 2012 : 322-323³²).

Neste sentido, o fato de que o *abstrato* e o *concreto de pensamento* não apresentem, entre eles, uma diferença de *essência* não implica que estejamos diante da « *mesma Generalidade* » ou de uma « *autogênese do conceito, do movimento ‘dialético’ pelo qual o universal abstrato se produz como concreto* » (Althusser, 1979: 163). No *Capital*, Marx empreende uma exposição complexa e rica em mediações, na qual se coloca, face a face, o « *fundamento sobre o qual repousam os nexos*

³⁰ Como foi indicado anteriormente, a *transformação* ou distinção aplicada, por Althusser, à dupla *abstrato* e *concreto de pensamento* apresenta-se, em Marx, apenas na relação entre o *concreto de pensamento* e o concreto real vivo.

³¹ « *Aí é que é preciso implacavelmente chegar para reconhecer agora que, no seio do processo do conhecimento, a generalidade ‘abstrata’ pela qual começa o processo, e a generalidade ‘concreta’, pela qual ele termina, a Generalidade I e a Generalidade III, não são, segundo a essência, a mesma generalidade* » (Althusser, 1979 : 163).

³² A tradução aqui referida foi completamente alterada por nós e corrigida quando necessário. [« *Denn so sehr im ersten Teil stets die ganze Gesellschaft den Hintergrund abgibt, erfassen die zentralen theoretischen Darlegungen bloß die individuellen Akte, auch wenn es sich dabei um eine ganze Fabrik mit vielen Arbeitern, mit komplizierter Arbeitsteilung etc. handelt. Nunmehr kommt es darauf an, die bisher einzeln erkannten Prozesse in ihrer Gesamtgesellschaftlichkeit zu betrachten. Marx weist wiederholt darauf hin, daß die erste eine abstrakte und darum formelle Darstellung der Phänomene gewesen ist. Dies zeigt sich z. B. darin, daß »die Naturalform des Warenprodukts für die Analyse ganz gleichgültig« bleibt, denn die abstrahierten Gesetze gelten in gleicher Weise für jede beliebige Art von Waren. Nur die Tatsache, daß aus dem Verkauf einer Ware (W-G) keineswegs der Kauf einer anderen Ware (G-W) notwendig erfolgt, weist in der Form einer unaufhebbarer Zufälligkeit auf das Andersgeartetsein des Gesamtprozesses den individuellen Akten gegenüber hin.* » (Lukács, 1986, vol. 13: 596-597)]. A este respeito, cf. também Lukács, 1986, vol. 13: 598-599.

internos, a fisiologia verdadeira da sociedade burguesa » (Marx, 1983: 598; 1976: 185) e suas formas aparentes.

Em sua análise mais abstrata, o que ele mostra são fenômenos reais nos quais pode-se encontrar, em relações isoladas, algumas destas abstrações ou determinações essenciais. No *concreto de pensamento*, trata-se do conjunto destas relações tal como elas apresentam-se na realidade do capital enquanto totalidade desenvolvida e considerada à partir do conjunto das determinações e problemáticas apreendidas. Este conjunto de relações configura, porém – como o explica Lukács – uma realidade nova, quando comparada àquela exposta nos primeiros capítulos. Ele apresenta resultados novos com relação aos resultados extraídos da análise inicial. Dito de outro modo, a « *exposição abstrata* » por si só não dá conta e não consegue explicar relações que aparecem exclusivamente no conjunto do processo.

O método de exposição de Marx *simula formalmente*³³ o método de Hegel, mas este último não dá totalmente conta do sentido que toma a « dialética » na obra de Marx. Se isto não resulta claro do texto da *Introdução de 1857*, o Posfácio do *Capital* não deixa dúvidas sobre este ponto. Neste último texto, Marx rejeita várias explicações que foram usadas para interpretar o « *método empregado no Capital* ». Segundo ele, desde sua aparição, este método « *não foi bem compreendido* » (Marx, 2003: 25). Todavia, uma dentre estas explicações não será criticada: aquela na qual um autor russo descreve traços importantes de sua obra, como seu interesse pela pesquisa das leis do desenvolvimento histórico e sua recusa em aceitar a existência de leis abstratas³⁴. Segundo Marx, esta explicação, que levanta, no interior de sua obra, toda uma série de conceitos e seus respectivos significados históricos, descreve precisamente o seu método dialético (cf. Marx, 2003: 28).

Apenas numa perspectiva que concebe a dialética como método geral é que se pode entender a interpretação de Althusser quanto à *inversão* de Hegel por Marx. Tal *inversão* implicaria, segundo ele, em Marx, um processo idêntico àquele de Hegel, mas em sentido inverso; do que decorreria uma mesma identidade de essência entre o universal abstrato e o concreto. Como já indicamos em outra oportunidade, Marx demonstra que, na modernidade, os conceitos mais abstratos são produzidos segundo uma ordem inversa àquela de sua aparição histórica³⁵, o que não implica nem

³³ « Podemos até dizer que, formalmente, este Denkprozess de 'concretização' simula, de forma longínqua, o processo da Lógica de Hegel. Certo, ponto fundamental que Lênin não viu : a Lógica não começa pela 'determinação mais simples' [...], pois 'o mais simples' – bem como o qualquer – é sempre um alguma coisa, e, portanto, um determinado ; enquanto, na verdade, a Lógica começa pelo in-determinado, o Ser. Mas, ao mesmo tempo [...] ela começa, no Ser, pela maior abstração e todo seu movimento a conduz, bem entendido, ela também, do abstrato ao concreto. » (Althusser, 1978 : 17).

³⁴ « Para ele, essas leis abstratas não existem. Ao contrário, cada período histórico, na sua opinião, possui suas próprias leis » (Marx, 2003 : 27).

³⁵ « Seria impraticável e falso, portanto, deixar as categorias econômicas sucederem-se umas às outras na sequência em que foram determinantes historicamente. A sua ordem é determinada, ao contrário, pelas relações que têm entre si

em uma auto-produção dos conceitos nem em uma produção do « conceito » pelo real numa lógica mecânica que ter-se-ia simplesmente invertido. Trata-se de uma inversão específica, válida para a análise da sociedade moderna e produzida por esta própria realidade (e não por uma lógica do pensamento consciente ou inconscientemente presente em Marx). Enquanto, no caso de economistas como John Stuart Mill, por exemplo, tende-se a partir do mais simples como generalidade histórica ou das « condições gerais *de toda produção* » (Marx, 2011: 42)³⁶, contrariamente às primeiras aparências, as categorias mais simples analisadas no início do *Capital*, como o trabalho abstrato e o dinheiro, não aparecem, na história, antes da categoria mais complexa do capital – em todo caso, não na plenitude de sentido que elas possuem enquanto categorias abstratas da sociedade burguesa moderna. A « inversão » a que se refere Marx, na *Introdução de 1857*, não tem, portanto, sua gênese no pensamento. Mesmo sendo uma descoberta científica para a qual a obra de Hegel contribuiu, trata-se de uma inversão real, como o destaca o próprio Marx quando explica que a aparência de uma « construção à priori » (Marx, 2003: 28) deve-se exclusivamente à forma de exposição e não concerne à pesquisa enquanto tal.

O que é a dialética ?

A obra de Althusser teve e tem, de maneira geral, ainda hoje, uma excelente recepção em certos meios marxistas e não marxistas. Entre as razões de seu sucesso, há muito provavelmente o fato de que ela conduza sua análise numa direção completamente diferente daquela rumo à qual nos orientamos aqui, qual seja, a compreensão do estatuto ontológico próprio à obra de Marx. As razões da vasta recepção do pensamento de Althusser residem justamente no fato de que a sua leitura, mais que a preocupações que sublinhem o sentido imanente da obra de Marx, procure responder, antes de mais nada, a questões que inquietam e que estão relacionadas, de forma mais imediata,

na moderna sociedade burguesa, e que é exatamente o inverso do que parece ser sua ordem natural ou da ordem que corresponde ao desenvolvimento histórico. » (Marx, 2011:60).

³⁶ A tendência a se começar pelo mais simples *em geral* e a se recensear as condições mais ou menos gerais de toda produção, influencia o próprio Marx quando redige a *Introdução de 1857*. No início deste texto, bem como no plano de trabalho que se encontra ao final do capítulo sobre o método, ele parte da *produção em geral*, das « *determinações universais abstratas, que, por essa razão, correspondem mais ou menos a todas as formas de sociedade.* » (Marx, 2011 : 61). Neste plano de trabalho, « *as categorias que constituem a articulação interna da sociedade burguesa* » (*ibidem*) figuram apenas como segundo ponto. Em 1857, Marx ainda está no coração de sua pesquisa. Pesquisa, esta, que não procede por meio de *cânones*, mas que avança, ao contrário, por meio de tentativas e experimentos, de acordo com o que lhe indica o desenvolvimento do objeto de sua investigação. De uma certa maneira, ele chega, já aqui, à conclusão de que haja uma produção invertida das categorias abstratas (« *As abstrações mais gerais surgem unicamente com o desenvolvimento concreto mais rico, ali onde um aspecto aparece como comum a muitos, comum a todos*» (Marx, 2011 : 57), mas o ponto de partida de sua obra ainda é concebido como uma mistura de determinações gerais e determinações específicas ao capital. Pois, ele observa, no plano acima referido, que se trata de partir das « *determinações universais abstratas, que, por essa razão, correspondem mais ou menos a todas as formas de sociedade, mas no sentido explicado acima* » (Marx, 2011 : 61), qual seja, o de que estas abstrações ou *determinações gerais abstratas* estariam presentes, sob uma forma específica, em cada realidade social e não seriam válidas em geral senão *cum grano salis*. (Sobre este ponto, cf. Vieira, 2004: 21).

com sua época³⁷. Este aspecto encontra-se, aliás, inevitavelmente presente em todos os grandes pensadores marxistas e pode, em boa medida, ser considerado como uma característica positiva e até mesmo desejável. Se se considera, porém, o indiscutível sucesso da leitura operada por Althusser e a extensão da discussão que ela suscitou – inclusive sobre o marxismo propriamente dito – pode-se perguntar se ela realmente contribuiu para o entendimento da natureza do aparelho categorial implementado nos escritos de Marx e do método a ele relacionado, ou se sua influência não se deva precisamente ao fato de que ela deslocou sua ótica para uma problemática de natureza epistemológica e, no período seguinte, também política.

Se Marx não nos deixa uma explicação detalhada ou uma *teoria* sobre a dialética enquanto método e se ele indica sua posição a este respeito, antes, através de uma definição de seu método de investigação – oferecida pelo autor que ele cita no Posfácio³⁸ – e das leis que regem a existência de seu objeto (cf. Marx, 2003: 26-28), isto não se deve a que, para ele, o *núcleo racional* [*rationellen Kern*] (Marx, 2009: 17-18; MEW 23: 27)³⁹ da dialética hegeliana não corresponde, na verdade, a um método geral? Como o explica este comentador: « *O método é, diz Marx, no Capital, o ‘meu método dialético’. O ‘método dialético’ não é, aliás, qualquer método; Marx o chama como o seu método científico* » (Collin, 1996: 79). A dialética caracteriza, porém, o conjunto de seu processo de investigação e, isto, precisamente porque se trata de um traço de seu objeto de investigação, tal como ele se determina na realidade.

É preciso que se distinga bem, portanto, o que se entende pelo termo *dialética*. Como conceito que pode ser encontrado na obra de Marx, trata-se fundamentalmente do aspecto de

³⁷ Poderíamos mencionar, nesse sentido, entre outros, os problemas suscitados pelo movimento de maio de 1968. Esse movimento constituiu um dos móveis da obra althusseriana à partir deste ano. Aliás, como o explica o editor francês, « *esta fase [dos escritos de Althusser redigidos entre 1968 e 1972] [...] coincide, sem sombra de dúvida, com o apogeu de sua influência.* » (Sintomer, 1998 : 10).

³⁸ Na edição alemã deste Posfácio, Marx não utiliza diretamente o termo *método de investigação* [*Forschungsmethode*] quando comenta a citação do escritor russo, mas *método real* [*wirkliche Methode*]: « *Indem der Herr Verfasser das, was er meine wirkliche Methode nennt, so treffend und, soweit meine persönliche Anwendung derselben in Betracht kommt, so wohlwollend schildert, was andres hat er geschildert als die dialektische Methode ?* » (MEW 23: 27). Entretanto, o que o autor russo considera como sendo o « *método real* » de Marx ou como apresentando um caráter realista é precisamente seu *método de investigação*: « *O Mensageiro Europeu, revista russa, publicada em São Petersburgo, em um artigo inteiramente consagrado ao método do Capital, declara que meu procedimento de investigação é rigorosamente realista, mas que meu método de exposição é, infelizmente, à maneira dialética alemã: “À primeira vista, diz ele, se julgamos segundo a forma exterior da exposição, Marx é um idealista reforçado e, isto, no sentido alemão, ou seja, no mau sentido da palavra. Na verdade, ele é infinitamente mais realista do que todos que o precederam no campo da economia política... Não se pode, de modo algum, chamá-lo de idealista”.* » (Marx, 1971 : 27. Tradução nossa). [*« Der Petersburger ‘Europäische Bote’, in einem Artikel, der ausschließlich die Methode des “Kapital” behandelt (Mainummer 1872, p.427-436), findet meine Forschungsmethode streng realistisch, die Darstellungsmethode aber unglücklicherweise deutsch-dialektisch. Er sagt: ‘Auf den ersten Blick, wenn man nach der äußern Form der Darstellung urteilt, ist Marx der größte Idealphilosoph, und zwar im deutschen, d.h. schlechten Sinn des Wortes. In der Tat aber ist er unendlich mehr Realist als alle seine Vorgänger im Geschäft der ökonomischen Kritik ... Man kann ihn in keiner Weise einen Idealisten nennen.’* » (MEW 23: 25)].

³⁹ « *A mistificação por que passa a dialética nas mãos de Hegel não o impediu de ser o primeiro a apresentar suas formas gerais de movimento, de maneira ampla e consciente. Em Hegel, a dialética está de cabeça para baixo. É necessário pô-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância racional [rationellen Kern] dentro do invólucro místico.* » (Marx, 2003 : 29).

necessidade ou de *lei* implicado em seu objeto de investigação (Marx, 2003 : 27) – razão pela qual ele aparece, no *Capital*, como ordem de determinação das categorias no interior da sociedade burguesa moderna. E como esta ordem de determinação revela-se invertida com relação à ordem de aparição destas mesmas categorias enquanto categorias determinantes na história, pode-se entender também, por *dialética*, esta *inversão* real determinada pela organização das categorias no interior da sociedade moderna. No pensamento, esta *inversão real* reflete-se numa inversão metodológica da ordem de exposição com relação à ordem – de caráter mais imediatamente histórico – da pesquisa, e é, de toda forma, específica aos conceitos que explicam esta realidade social.

É preciso delimitar, portanto, ainda as indicações de método deixadas por Marx. Como o explica Althusser, Marx não nos deixou desenvolvimentos específicos a propósito da dialética ou de problemas epistemológicos mais gerais. Acrescentaríamos a isto que, mais que uma « *metodologia geral* » (Collin, 1996: 79)⁴⁰, o que ele procura entender, na *Introdução*, é a relação mais fiel das categorias de sua exposição quanto a sua configuração onto-histórica. Neste texto, trata-se de categorias específicas – aquelas que explicam a formação social moderna – mas *também* de um método específico – aquele que deveria ser utilizado na redação do *Capital*. Malgrado o fato de que, no capítulo sobre o « *Método da economia política* », Marx se ponha, com efeito, uma questão bastante geral, sua argumentação nunca se separa, aqui, do conteúdo das categorias específicas analisadas. Pelo contrário, é à partir do caráter ontológico destas últimas que Marx delimita o lugar que possuem, no seu método, o *abstrato* e o *concreto*, bem como a relação deste método com a ordem de aparição histórica das categorias.

Vejamos, pois, rapidamente algumas destas linhas de raciocínios mais importantes desenvolvidas, por Marx, neste texto. Segundo ele, o *valor* existiu historicamente, na categoria mais simples *dinheiro*, antes que seu conceito se desenvolvesse em toda a plenitude de relações encontradas na forma mais concreta do *capital*. O elemento mais simples pode, portanto, existir historicamente antes de seu pleno desenvolvimento « *mentalmente expresso na categoria mais concreta* » (Marx, 2011: 56). Esta existência não tem, contudo, uma difusão e uma validade idêntica em todas as formas econômicas. « *Essa categoria muito simples [o dinheiro] não aparece historicamente em sua intensidade senão nas condições mais desenvolvidas da sociedade.* » (*Ibidem*).

Em seguida, Marx interroga-se sobre a categoria simples *trabalho em geral* [*Arbeit überhaupt*]⁴¹. E sua resposta é que também esta categoria não pode, de forma alguma, ser entendida

⁴⁰ Segundo este autor, na *Introdução*, Marx teria « *tentado produzir uma metodologia geral, mas, por fim, ele abandona este texto* » (*Ibidem*).

⁴¹ « *A abstração da categoria 'trabalho', 'trabalho em geral', trabalho puro e simples, o ponto de partida da Economia moderna* » (Marx, 2011 : 58). Trata-se, aí, da primeira expressão ou, poder-se-ia dizer também, da fórmula em germe,

como categoria antropológica ou como um conceito genérico. No sentido que ela possui aqui, ou seja, enquanto « *a indiferença diante de um determinado tipo de trabalho* » (Marx, 2011:57), trata-se de uma categoria específica ao capitalismo. A categoria *trabalho em geral* pressupõe, então, uma « *totalidade muito desenvolvida de tipos efetivos de trabalho [em que] nenhum dos quais predomina sobre os demais. Portanto, as abstrações mais gerais surgem unicamente com o desenvolvimento concreto mais rico, ali onde um aspecto aparece como comum a muitos, comum a todos* » (*Ibidem*). Marx conclui, portanto, que o processo de pensamento que empreende o caminho do abstrato ao concreto corresponde ao desenvolvimento histórico exclusivamente num único sentido: aquele segundo o qual

a categoria mais simples pode expressar relações dominantes de um todo ainda não desenvolvido, ou relações subordinadas de um todo desenvolvido que já tinham existência histórica antes que o todo se desenvolvesse no sentido que é expresso em uma categoria mais concreta (Marx, 2011 : 56)

Assim é porque as relações expressas nas categorias mais concretas podem estar presentes numa sociedade que é, ela mesma, menos madura, enquanto que a categoria mais simples (no caso, o dinheiro) pode aparecer apenas parcialmente em sociedades mais ou menos simples, como a Roma e a Grécia. O dinheiro, « *essa categoria muito simples* », encontra-se plenamente presente e desenvolvido unicamente « *nas condições mais desenvolvidas da sociedade* ». Deste modo, Marx chega à conclusão seguinte:

As próprias categorias mais abstratas, apesar de sua validade para todas as épocas – justamente por causa de sua abstração –, na determinabilidade dessa própria abstração, são igualmente produto de relações históricas e têm sua plena validade só para essas relações e no interior delas (Marx, 2011 : 58).

Como vemos, o pensador alemão desenvolve, neste texto, todo um raciocínio a respeito tanto das categorias econômicas mais abstratas ou mais simples, quanto das categorias mais complexas, mas nunca na perspectiva de um método genericamente válido ou de um problema gnosiológico abstrato. Ao contrário, seu raciocínio desenvolve-se levando sempre plenamente em conta as relações específicas que estão em jogo em seu objeto de pesquisa. Dito de outro modo, o raciocínio de Marx sobre as categorias e sua organização no processo do conhecimento jamais se dissocia de um questionamento concreto com relação à vida social moderna.

do conceito de *trabalho abstrato*, que aparece, no entanto, em sua forma definitiva, apenas na *Contribuição à crítica da economia política*.

Contrariamente ao que propõe Althusser, o *abstrato* e o *concreto* não constituem, portanto, aqui, categorias que possam ser compreendidas ou existir exclusivamente no seio de uma teoria do conhecimento ou de um método. Na *Introdução de 1857*, Marx oferece indicações sobre o seu método, mas estas indicações sobre o lugar que as categorias *abstrato* e *concreto* ocupam no movimento do pensamento não são exaustivas, como fica claro, quanto ao sentido destas categorias. Enquanto determinações do método, elas ocupam posições definidas, mas a determinação destas posições é desenvolvida à partir do sentido ontológico específico de cada categoria econômica, sobretudo, das categorias *trabalho em geral* e *dinheiro*. Marx só chega a entender as primeiras à partir de uma escavação quanto a seu sentido específico na sociedade moderna.

A diferença específica entre a economia política clássica e a teoria do valor de Marx não pode ser reduzida exclusivamente a uma diferença de método. A esta indicação de Althusser, é preciso acrescentar a especificação segundo a qual se trata, ainda menos, de uma diferença que resulta unicamente do método de exposição. Muito ao contrário, esta diferença decorre, antes de tudo, da forma da pesquisa e do caráter das abstrações de Marx. Na obra de Marx, o processo de abstração jamais se dissocia de uma concepção histórica das categorias econômicas. As categorias mais abstratas são sempre concebidas, aqui, como partes de um complexo de relações.

O método de Marx, como o de Ricardo também, é um método analítico. Se – como o explica Marx – Ricardo não analisa a forma, o caráter, do trabalho que cria valor de troca (cf. Marx, 1983 : 597; 1976: 183) e se ele, conseqüentemente, mantém-se sobre uma indistinção entre a forma e a substância do valor, isto não se deve exclusivamente a uma falha de seu método, que, embora analítico, não seria dialético e não faria, portanto, o caminho de volta. Antes deste caminho de volta ausente da obra de Ricardo – que faz com que, se ele alcança a determinação importante do valor pelo tempo de trabalho, esta determinação não seja suficientemente desenvolvida (razão pela qual ele recai sobre uma indistinção e uma mistura de determinações específicas ao capital com determinações da relação de troca simples) – há, portanto, ainda o fato de que ele não chega a descobrir a determinação essencial que permite compreender a *forma* específica do trabalho na sociedade capitalista: a categoria *força de trabalho*. Como mostramos em outra ocasião (cf. Vieira, 2012: 61-70), é a descoberta desta categoria que permite a distinção entre as determinações essenciais e as determinações não específicas ao modo de produção capitalista; distinção, esta, que caracteriza o método de Marx e o caminho de retorno pelo qual ele explica os fenômenos (a mercadoria, o dinheiro) à partir da essência (o valor).

Neste sentido, a ausência de dialética na obra dos economistas não é uma ausência ligada exclusivamente ao método. Além disso e igualmente em relação com os limites sociais concretos que impedem Ricardo de aprofundar seu processo de abstração, trata-se de uma diferença na

maneira de conceber as categorias econômicas. Na concepção marxiana, as abstrações que caracterizam a essência da formação social burguesa – como o valor e o trabalho – constituem-se segundo uma relação inerente e contraditória entre o universal (ou o social) e o particular (ou o individual), como o indicam os pares categoriais como valor de uso/valor de troca; trabalho concreto/trabalho abstrato. Esta relação é uma determinação de ordem ontológica que alcança sua forma principal e mais concreta na categoria *força de trabalho* enquanto mercadoria. Tal categoria concilia, em si, as leis abstratas da economia e as determinações históricas (Cf. Lukács, 2012: 311). Estas descobertas de ordem qualitativa dão conta da especificidade de categorias econômicas como o trabalho enquanto fonte do valor, o valor enquanto tal e a mais-valia, e sua ausência repercute-se, portanto, também sobre o modo de se entender as categorias econômicas e, por consequência, sobre o próprio método⁴².

A ausência de dialética na obra dos economistas clássicos deve, pois, ser entendida num sentido mais amplo que simplesmente aquele metodológico. As categorias da crítica marxiana da economia política não explicam apenas o *fator* econômico ou o aspecto econômico dos fatos, mas constituem os elementos explicativos de um conjunto de relações sociais específicas em seu sentido mais fundamental. Nos termos de Marx, as relações sociais modernas são explicadas, aqui, à partir de « *uma iluminação universal em que todas as demais cores estão imersas [...] [d'] um éter particular que determina o peso específico de toda existência que nele se manifesta* » (Marx, 2011 : 59), ou em outros termos ainda, à partir das categorias que constituem sua base e revelam sua lógica. A diferença de Marx, em relação aos economistas clássicos, apresenta-se, portanto, como sendo uma diferença no próprio *conteúdo* das respectivas produções teóricas, pois:

A abstração e unilateralização dos conceitos é exatamente o que Marx ferrenhamente combateu em sua crítica à economia política. Já nos Manuscritos de 1844, ele mostra que os economistas que, como Smith, reconheceram o trabalho como princípio, como essência da propriedade privada – superando, pois, a visão de exterioridade desta última – deixaram de ver, porém, a outra metade da realidade: a essência do homem [menschlichen Wesenskräfte] transmudada em propriedade privada, ou seja, o fato da alienação. [...] E isto porque : “A economia política parte do fato da propriedade privada. Ela não o explica-nos. Ela exprime o processo material que descreve, em realidade, a propriedade privada em fórmulas gerais e abstratas, que, em seguida, têm para ela valor de leis. Ela não compreende estas leis, isto é, ela não mostra como elas resultam da essência da propriedade privada.” Marx, 1991: 54. (Vieira, 1999: 39-40).

Não é por acaso que o que Marx critica em Ricardo, nas *Teorias da mais-valia*, seja, ainda, fundamentalmente o fato de que « Ricardo não examina a forma – a propriedade específica do

⁴² Como escreve Lukács : « A própria essência da totalidade econômica [...] prescreve o caminho a seguir para conhecê-la » (Lukács, 2012: 304).

trabalho de gerar valor de troca [...] –, o caráter desse trabalho » (Marx, 1983: 597; 1976: 183. Os destaques são de Marx). Ricardo chega a entender, de alguma forma, a essência do valor, sua determinação pelo tempo de trabalho, mas não, a essência ou a determinação principal do trabalho que se encontra na base desta. A categoria *força de trabalho*, a *potência ou faculdade do indivíduo vivo* ou, ainda, a existência do trabalhador como simples valor de uso no processo de valorização do capital, aparece, na obra de maturidade de Marx, como a forma concreta ou o significado preciso da outra metade da realidade revelada por ele: as forças essenciais do homem transmutadas em propriedade privada.

REFERÊNCIAS :

Althusser, Louis, *A favor de Marx*. Rio de Janeiro, Zahar, trad. D. Lindoso, 1979.

_____ *Ler o Capital*, Rio de Janeiro, Zahar, trad. N. C. Caixeiro, vol. 1, 1979b.

_____ *Ler o Capital*, Rio de Janeiro, Zahar, trad. N. C. Caixeiro, vol. 2, 1980.

_____ *Lire le Capital*, Paris, Quadrige/PUF, 1996.

_____ «Avant-propos» à Duménil, G., *Le concept de loi économique dans Le Capital*, Paris, François Maspero, 1978. Tradução nossa.

Arthur, Christopher J., *The new dialectic and Marx's Capital*, Leiden (Pays-Bas), Boston, Brill, 2004. Tradução nossa.

Callinicos, Alex, *Althusser's Marxism*, London, Pluto Press, 1976.

Chasin, José, *Marx. Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica*, São Paulo, Boitempo, 2009.

Collin, Denis, *La théorie de la connaissance chez Marx*, Paris, l'Harmattan, 1996.

Dobb, Maurice, « Introdução » a Marx, K., *Per la critica dell'economia politica*, trad. Emma Cantimori Mezzomonti, Roma, Editori Riuniti, 1984.

Giannotti, José A., « Préface à l'édition Française », *Origines de la dialectique du travail*, Paris, Aubier-Montaigne, 1971. Tradução nossa.

Hegel, Georg W.F., *La science de la logique*, editado por Bernard Bourgeois, Paris, Vrin, 1994.

Il'enkov, Evald V., *La dialettica dell'astratto e del concreto nel Capitale di Marx*, trad. Vittorio Strada e Alberto Sandretti, Milano, Feltrinelli, 1975. Traduzido do italiano por nós.

Labica, Georges, « Changer le monde », in Marx, K., *Les Thèses sur Feuerbach*, éd. Georges Labica, Paris, Puf, 1987.

Löwy, Michael, « Note sur la réception de l'althussérisme en Amérique latine (années 70) », in *Contre Althusser, Pour Marx*, Paris, Les Éditions de la Passion, 1999.

Lukács, György, *Para uma ontologia do ser social*, vol. 1, São Paulo, Boitempo, trad. Carlos N. Coutinho, Mario Duayer e Nelio Schneider, 2012.

- _____. *Zur Ontologie des gesellschaftlichen Seins*, II. Halbband (Bände 13 e 14), Darmstadt und Neuwied, Luchterhand Verlag, 1986.
- Marx, Karl, *O Capital*, livro primeiro, vol. I, trad. Reginaldo Sant'Anna, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- _____. *O Capital*, livro primeiro, vol. II, trad. Reginaldo Sant'Anna, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988.
- _____. *Le Capital*, livre premier, trad. Jean-Pierre Lefebvre, Paris, PUF Quadrige, 2009.
- _____. *Le Capital*, livre premier, tome I, trad. Joseph Roy, Paris, Éditions Sociales, 1971.
- _____. *Teorias da mais-valia*, vol. II, trad. Reginaldo Sant'Anna, São Paulo, DIFEL, 1983.
- _____. *Théories sur la plus-value*, éd. Gilbert Badia, Paris, Éditions Sociales, tome II, 1976.
- _____. *Marx-Engels Werke (MEW)*, Berlin, Dietz Verlag, vol. 23; 26.2.
- _____. *Grundrisse*, trad. Mario Duayer; Nélio Schneider, São Paulo, Boitempo, 2011.
- _____. *Manuscripts de 1857-1858*, tomes I et II, trad. Jean-Pierre Lefebvre, Paris, Éditions Sociales, 1980.
- _____. « Notes marginales pour le 'Traité d'économie politique' d'Adolphe Wagner » (1881-1882), in *Le Capital*, livre premier, tome III, trad. Joseph Roy, Paris, Éditions Sociales, 1977.
- _____. « Randglossen zu Adolph Wagners 'Lehrbuch der politischen Ökonomie' », in *Werke*, Band 19, Berlin, Dietz Verlag, 1973⁴.
- _____. *Manuscritos Econômicos Filosóficos, Primeiro Manuscrito*, São Paulo, Nova Cultural, 1991.
- Renault, Emmanuel, « Qu'y a-t-il au juste de dialectique dans *Le Capital* de Marx ? », in *Marx, Relire Le Capital*, coordonné par Franck Fischbach, Paris, PUF, 2009.
- Rosdolsky, Roman, *Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx*, trad. César Benjamin, Rio de Janeiro, UERJ/Contraponto, 2011.
- Sintomer, Yves, « Présentation » de Althusser, L., *Solitude de Machiavel*, Paris, Puf, Actuel Marx Confrontation, 1998.
- Vieira, Zaira R., *Catégories et méthode dans la théorie de la valeur de Marx. Sur la dialectique*. Paris, Université Paris Ouest – Nanterre La Défense, 2012.
- _____. *Atividade sensível e emancipação humana nos Grundrisse de Karl Marx*, (dissertação de mestrado), Belo Horizonte, UFMG - Fafich, 2004.
- _____. *Perspectiva Sociológica e Resolubilidade Política no Pensamento de Jürgen Habermas e Leonardo Boff* (monografia), Belo Horizonte, UFMG - Fafich, 1999.